



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS-UACS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

DANIELLI DANTAS ALVES DE SOUSA

GEOGRAFIA E LITERATURA NO CAMINHO DE
OS SERTÕES E VIDAS SECAS

CAJAZEIRAS/PB

2014

DANIELLI DANTAS ALVES DE SOUSA

**GEOGRAFIA E LITERATURA NO CAMINHO DE
OS *SERTÕES* E *VIDAS SECAS***

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras- PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Josué Pereira da Silva

CAJAZEIRAS/PB

2014

DANIELLI DANTAS ALVES DE SOUSA

**GEOGRAFIA E LITERATURA NO CAMINHO DE
OS *SERTÕES* E *VIDAS SECAS***

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras- PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Josué Pereira da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais

Professor Me. Aldo Gonçalves de Oliveira (Examinador 1)
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais

Professora Dra. Rosilene Alves de Melo (Examinadora 2)
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais

Aos meus pais pelo apoio e incentivo, aos amigos que estiveram ao meu lado durante todos esses anos, e a todos que contribuíram com a minha formação.

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus por guiar o meu caminho e me dar forças para permanecer de pé diante de todas as dificuldades enfrentadas, e acima de tudo pela fé e esperança plantadas em meu coração que um dia eu realizaria esse sonho.

Aos meus pais Newton e Júcélia que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e ajudando nos momentos mais difíceis de minha vida.

As minhas irmãs Danilla e Déborah, pelo incentivo.

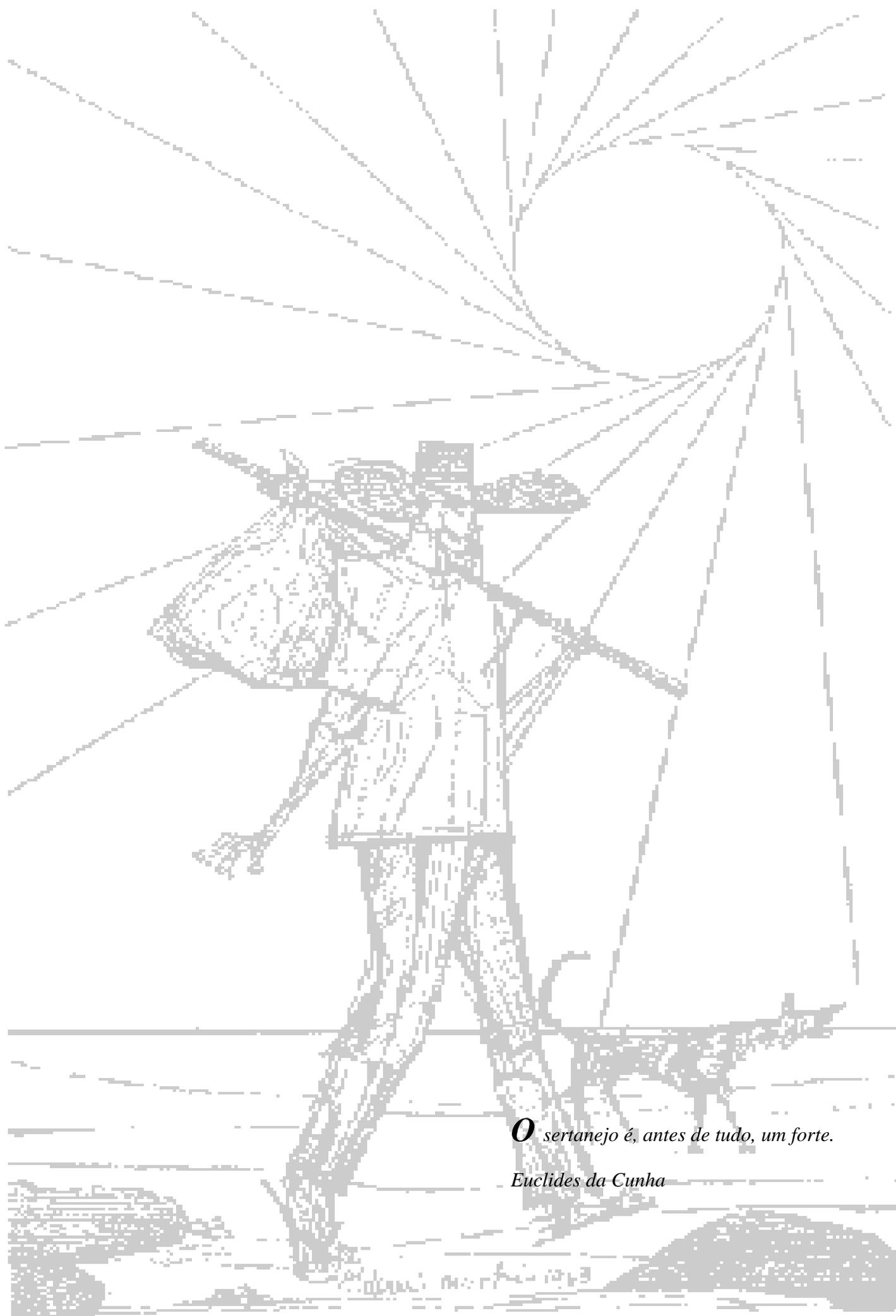
Aos meus amigos que me proporcionaram momentos inesquecíveis, em especial minhas queridas, Micaelle Amancio, Michelle Amancio e Juliana Campos.

As minhas colegas de trabalho que durante todos esses anos de formação me encorajaram.

Ao meu namorado Niomar, que mesmo longe, se fez presente com seu carinho, atenção e ombro amigo.

Ao professor Dr. Josué Pereira pela orientação, paciência e carinho.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra incentivaram-me.



O sertanejo é, antes de tudo, um forte.

Euclides da Cunha

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar a relação existente entre Geografia e Literatura. Parte inicialmente dos pressupostos da Geografia Humanista na aproximação da Ciência com Arte. Consideram-se fundamentais para esta pesquisa, os estudos do geógrafo Milton Santos, onde utilizaremos de dois dos seus conceitos chaves na produção geográfica, a concepção de espaço e paisagem. A partir da compreensão dessas categorias busca-se unir todos os elos possíveis desta pesquisa. Voltando-se para o campo de estudo brasileiro, apresenta a Literatura Regionalista, que tem o sertão nordestino como cenário para as narrativas. Essa corrente muito tem a contribuir nos estudos voltados para essa área. Serão utilizadas como recursos as obras: *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Vidas Secas* do escritor Graciliano Ramos, para estabelecer este possível diálogo. Levanta as seguintes hipóteses: Que elos podem ser encontrados entre a Geografia e Literatura? Como surgiram? É possível entender as complexidades do espaço fazendo uma inter-relação do saber científico com o literário? Como os elementos geográficos são representados na Literatura? Todas estas questões nortearão este trabalho.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Espaço; Paisagem; Representação; Sertão; Seca.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Categorias do método geográfico de acordo com Milton Santos
- Figura 2.** Euclides da Cunha retratado por M. Medina (1940)
- Figura 3.** Esboço geológico do Estado da Bahia
- Figura 4.** Mandacaru com espinhos
- Figura 5.** Mandacaru sem espinhos
- Figura 6.** Graciliano Ramos retratado pelo pintor Candido Portinari
- Figura 7.** Cena do filme Vidas Secas de Nelson Pereira
- Figura 8.** Personagens principais e secundários da obra
- Figura 9.** Mapa de localização do Bioma Caatinga
- Figura 10.** Xique-xique (*PilosocereusGounellei*)
- Figura 11.** Mandacaru (*Cereus Jamacaru*)
- Figura 12.** Caatinga – Transição entre o período seco e chuvoso
- Figura 13.** Sertanejo sobre o leito de um rio seco

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1.** Obras regionalistas que apresentam o sertão nordestino como cenário
- Quadro 2.** Canções do cantor Luiz Gonzaga que retratam a *seca*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	11
1. A GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA LITERÁRIA	14
1.1 Geografia Humanista: influência na aproximação geo-literária	21
1.1.1 O espaço vivido e a paisagem literária.....	24
1.2 Espaço e paisagem: o olhar geográfico de Milton Santos	28
1.2.1 Conceitos e definições.....	29
1.3 Geografia e Literatura no campo de estudo brasileiro: os Romances Regionalistas	34
2. OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA	40
2.1 A Terra: elementos geográficos da obra	43
3. AS VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS	50
3.1 Personagens da obra: caracterização	57
3.2 Atuação da seca na configuração do espaço sertanejo	60
3.3 Migrações	63
3.4 Exploração latifundiária e relações de poder	66
3.5 A paisagem em <i>Vidas Secas</i> e o Homem	69
3.6 <i>Vidas Secas</i> em imagens	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79

APRESENTAÇÃO

A presente monografia intitulada: *Geografia e Literatura no caminho de Os Sertões e Vidas Secas* apresenta em sua introdução, a sistematização da pesquisa dando destaque ao objeto e aspectos metodológicos desse trabalho.

O capítulo 1, *A Geografia numa perspectiva literária*, traz uma reflexão acerca da aproximação da Geografia com a Literatura, considerando os pontos convergentes entre estes campos de conhecimento, com o objetivo de ampliar a visão geográfica da realidade. Desenvolvemos uma abordagem a partir da Literatura Regionalista, considerando o espaço sertanejo como delimitação conceitual e eixo da pesquisa.

O capítulo 2, *Os Sertões de Euclides da Cunha*, apresenta uma análise geográfica da primeira parte do livro *A Terra*, trazendo considerações sobre a Geografia trabalhada por esse escritor.

O capítulo 3, *As Vidas Secas de Graciliano Ramos*, apresenta a análise da obra *Vidas Secas*, estabelecendo suas relações com a Ciência Geográfica.

Por fim, nas considerações finais são expostos os avanços advindos durante a elaboração deste trabalho.

INTRODUÇÃO

A Geografia ao longo do seu processo de desenvolvimento e construção, quanto ciência, tem buscado diferentes formas de pensar, perceber e refletir sobre os fenômenos espaciais físicos- sociais que atuam na formação e configuração do espaço geográfico, como meio para o entendimento da realidade. Neste trabalho, buscamos formular um encontro entre a Geografia e a Literatura, para compreendermos o discurso geográfico a partir do literário. Partindo de uma definição conceitual, passando pela construção, aplicação e apropriação do espaço e de suas categorias pela Geografia, apontaremos algumas formas de leitura e utilidades atribuídas a estes no diálogo com a arte literária.

Pensar sobre a Geografia através da Literatura nos permite ter um olhar mais abrangente com relação às transformações do mundo, pois as obras literárias são capazes de exprimir diferentes representações da realidade. O espaço se apresenta como a base metodológica da Geografia e na Literatura constitui-se como alicerce para o desenvolvimento das narrativas. A ciência geográfica se utiliza do espaço como objeto de estudo para conhecer a realidade e a Literatura por sua vez, para representar essa realidade. Espaço geográfico e espaço literário não devem ser entendidos como sinônimos, uma vez que a Geografia é uma ciência objetiva e a Literatura uma forma de linguagem subjetiva que se utiliza do método ficcional para representar o real.

Utilizaremos das linhas de pensamento da Geografia Humanista para explicar como surgiu essa aproximação da Ciência com Arte, além da necessidade de se fazer uma abordagem diferenciada com relação ao estudo do espaço pela Literatura. Nessa corrente, os estudos dos fenômenos geográficos partem de uma abordagem cultural, onde o “espaço vivido” pelo Homem é o eixo fundamental para o desenvolvimento dos trabalhos em questão. Para tanto, apontaremos como esse “espaço” da Geografia Humanista é discutido no contexto literário. Em seguida, faremos a conceituação do espaço geográfico e paisagem na abordagem do geógrafo Milton Santos que, no nosso entendimento, muito tem a contribuir para o desenvolvimento da proposta aqui apresentada. Não pretendemos considerar exclusivamente as elaborações de Milton Santos neste trabalho. Nosso objetivo é utilizar as teorias sobre o espaço geográfico desse autor para conduzir as elaborações e análises aqui propostas. Entendemos que a importância em compreendermos o espaço passa inicialmente pelos princípios da abordagem científica da Ciência Geográfica, para depois nos voltarmos ao espaço literário e só a partir disso, podermos diferenciá-los.

Após fazermos o levantamento bibliográfico para o embasamento teórico, traremos essa discussão para o campo de estudo brasileiro, utilizando da Literatura as abordagens da Corrente Regionalista que são de suma importância para a compreensão do complexo geográfico nas obras definidas para este estudo: *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha e *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos. Estas obras foram selecionadas por possuírem subsídios suficientes e coerentes para o aprofundamento das questões levantadas nesse trabalho. O suporte geográfico que buscamos encontrar nessas obras expressa a nossa ideia de entender a Geografia através da Literatura. Nosso objetivo é contextualizá-las no espaço e no tempo, selecionando fragmentos das mesmas para mostrar como os elementos geográficos são apresentados numa obra literária e como a realidade social é entendida pelos escritores.

Utilizamos primeiramente do enfoque teórico do escritor Euclides da Cunha com seu livro *Os Sertões* (1902). Esta obra aborda a área de domínio do semi-árido (sertão) partindo do seu contexto geográfico, além de retratar a realidade do sertanejo neste espaço. Para tanto, trabalhamos com a primeira parte do livro denominada *A Terra*, que se constitui como um estudo geográfico feito pelo escritor sobre o sertão de Canudos no estado da Bahia. Logo após, para a concretização da nossa proposta de estudo, utilizaremos a obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, no intuito de apresentar como o complexo geográfico pode ser trabalhado no contexto literário. Este romance, que também retrata o sertão nordestino, descreve o fenômeno da seca mostrando quais são as suas conseqüências na realidade do Homem.

Esses escritores descrevem a paisagem sertaneja com uma grande riqueza de detalhes e na estrutura das obras é apresentada a relação do Homem com o Meio, ou seja, conseqüentemente a representação do espaço geográfico. É neste sentido que inserimos a Geografia, pois a partir dela podemos analisar como as características geográficas descritas nas obras contribuem também para uma visão da realidade além do livro. Tanto Graciliano como Euclides trabalham o espaço sertanejo a partir de suas características naturais e sociais. É de suma importância destacar que foi justamente por meio desse enfoque do espaço natural e social das obras analisadas, que buscamos apresentar os conceitos de espaço e paisagem na perspectiva do geógrafo Milton Santos.

A Literatura se apresenta para o geógrafo como um laboratório, surgindo através dessa relação à oportunidade do diálogo entre áreas afins, que tentam responder aos questionamentos impostos pelos novos tempos, numa troca de saberes multilaterais. As obras de Euclides da Cunha e Graciliano Ramos se constituem como um rico material a ser trabalhado no campo geográfico, por apresentar descrições detalhadas de categorias de estudo

da Geografia, além de representar o espaço geográfico da nossa realidade vivenciada, o sertão nordestino. A partir dessas questões buscaremos contribuir com o enriquecimento do diálogo entre Ciência e Arte, objetivando não apenas mostrar o que há de geográfico numa obra literária, mas sim evidenciar qual a geograficidade existente nelas, além de reunir elementos que nos auxiliem na construção dessa relação.

Metodologicamente, o presente trabalho foi elaborado partindo de uma abordagem geral para a específica. Consideramos realizar uma abordagem espacial, que pode ser desenvolvida a partir deste material de análise. Apresentamos as possíveis relações existentes entre a Geografia e a Literatura, para depois chegarmos às análises das obras selecionadas, retirando fragmentos das mesmas para a consolidação dos nossos resultados. O propósito maior deste trabalho é mostrar que essa relação entre Ciência e Arte não só é possível, como de fato existe. Por fim, diante de uma possível conclusão, apresentaremos os resultados dessa reflexão e análise, apontando os pontos positivos de se fazer uma inter-relação de áreas de conhecimento afins e principalmente a contribuição que esse estudo pode trazer como uma proposta de expansão do conhecimento.

1. A GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA LITERÁRIA

A Geografia e a Literatura são formas de discurso que têm em comum a visão do espaço como modo de existência do homem-no-mundo (MOREIRA, 2004).

Os estudos desenvolvidos no âmbito da Geografia, ao longo dos anos, têm contribuído na intensificação do diálogo dessa ciência com outras áreas do conhecimento, promovendo a sua inserção num contexto multilateral de definições e abordagens. Esse diálogo já existia de forma intuitiva mesmo antes de a Geografia se firmar como ciência, a partir do positivismo no século XIX. Os trabalhos realizados na corrente positivista eram baseados em fenômenos reais, concretos e quantificáveis, reduzindo assim o campo de conhecimento geográfico apenas a trabalhos empíricos. Na busca para se tornar uma ciência moderna, a Geografia passou a investir em modelos próprios, que possibilitaram uma maior objetividade e também se apropriou do método científico para definir suas especificidades. Esse diálogo com outras áreas passou a ser considerado sistemático quando os estudos geográficos foram sendo utilizados no entendimento da realidade.

Segundo Sá e Menzl (2010), a Geografia sempre foi uma ciência muito criticada pela sua falta de objetividade teórica e metodológica. Suas abordagens sempre foram extremamente cientificistas e tradicionais, o que conseqüentemente influenciou diretamente na sua utilização no estudo do Homem. Entretanto, é justamente nessa dificuldade de elaboração de um único modelo que a ciência geográfica pode dialogar com outras áreas, rompendo com a unilateralidade científica utilizada em seus estudos, e construindo assim caminhos para se definir as diferentes formas de pensar sobre o espaço. Para Castro, Gomes e Corrêa (2012, p. 8), tão importante quanto um esforço de definição do objeto da geografia é o esforço de analisar algumas de suas dimensões para interpretar os ordenamentos que resultam e integram a dinâmica do mundo social.

Portanto, assim como outras ciências, a Geografia utiliza-se de conceitos estruturadores e categorias de análise que servem como base para seus estudos e fazem o pensar geográfico ultrapassar as fronteiras que podem limitá-lo a discursos sistematizados e generalizados de sua base teórica. O espaço geográfico é a principal categoria da Geografia, ao assumi-lo como primordial nos seus estudos e abordagens, essa ciência coloca-se diante da dificuldade de construir um conhecimento capaz de abranger as múltiplas dimensões e definições deste espaço.

Como toda ciência a geografia possui alguns conceitos-chave, capazes de sintetizarem a sua objetivação, isto é, o ângulo específico com que a sociedade é analisada, ângulo que confere a geografia a sua identidade e a sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais. Como ciência social a geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território. (CORRÊA, 2000, p. 17).

Na Geografia os conceitos estruturadores e categorias de análise definem-se a partir de diferentes correntes do pensamento geográfico e buscam abordar as diferentes dimensões da realidade. Neste trabalho, em especial, apontaremos as categorias analíticas consideradas basilares para a Geografia: espaço, paisagem, região, lugar e território; que são de grande importância para o desenvolvimento das pesquisas geográficas. Para tanto, cabe aqui ressaltar, que a Sociedade e o Tempo também atuam como fonte de investigação geográfica e são categorias utilizadas principalmente por geógrafos que trabalham com uma geografia humana, voltada para as relações sociais existentes no espaço, contextualizando-as em determinados tempos, como é o caso do geógrafo Milton Santos.

Independentemente de qual corrente do pensamento geográfico essas categorias sejam trabalhadas, é de fundamental importância que elas consigam abranger aspectos importantes da realidade para que a ciência consiga, a partir de seus estudos, explicar os fenômenos e relações existentes no mundo seja de ordem natural, social, cultural, econômica ou política. Passando por uma breve conceituação, utilizando como alicerce a Geografia Crítica, entendemos que o espaço geográfico é o eixo basilar desse campo do conhecimento e as demais categorias assumem o papel de definir as especificidades desse espaço. A Geografia Crítica será a corrente geográfica utilizada para conceituar as categorias de análise dessa ciência por focar seus estudos nas relações sociais ocorridas no espaço. Nesta concepção, espaço e sociedade são intimamente ligados e por meio dessa produção contribuirão para as análises propostas neste trabalho.

Na análise de Santos (2006), um conceito básico é que o *espaço* constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. Nele são estabelecidas as relações da sociedade com a natureza e a partir dessas relações são definidas as suas especificidades. O Homem se apropria do espaço físico (natural), transformando-o por meio do trabalho, em espaço geográfico. Sendo assim, o espaço é resultado das relações que as pessoas estabelecem entre si e com a natureza cotidianamente, moldando-o para uma esfera social. Moreira (1982, apud BRAGA, 2007, p. 69), entende o espaço como estrutura de

relações sob determinação do social. É a sociedade vista com sua expressão material visível, através da socialização da natureza pelo trabalho, uma “totalidade estruturada de formas espaciais”. O espaço é primordial nos estudos geográficos e nele estão inseridas as demais categorias de análise. Esse fator expõe assim sua importância.

A *paisagem* para Santos (2008, p. 40, apud MACIEL; MARINHO, 2012, p. 17), se refere a “tudo aquilo que nós vemos o que nossa visão alcança. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”. Baseando-se nesse conceito de Milton Santos, vemos que para ele a paisagem se refere às configurações externas do espaço, o aspecto visível¹ (aspectos naturais e sociais), mas também admite que a mesma se configure pelos odores, sons, entre outros, ao qual não podemos ver, mas senti-los. Portanto, a paisagem não pode ser entendida apenas pelo aspecto ocular que nossa visão alcança, ela é formada por um conjunto de fatores que determinam sua configuração no espaço, ou seja, ela constitui um “conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, p. 40).

[...] paisagem não deve ser vista apenas como determinada porção do espaço composta de elementos externos, visíveis e estáticos. A paisagem do geógrafo apresenta-se como um mosaico, constituído de elementos concretos e abstratos, visíveis e invisíveis, que materializam as relações estabelecidas entre o homem e o meio, e que é a expressão da organização de todos os elementos no espaço geográfico. Portanto, a compreensão da paisagem transcende o aspecto visual e apresenta-se diferenciada numa escala têmporo-espacial. (DIAS, 1998, s/p).

Expondo o conceito de *lugar*, Cavalcante (1998, apud COSTA; ROCHA, 2010, p.28) define-o como sendo o “espaço do particular, estando presentes os elementos históricos, culturais e a identidade; revelando as especificidades”. Para Milton Santos, no livro *A Natureza do espaço*, o lugar é apresentado como um espaço produzido por duas lógicas: a das vivências cotidianas das pessoas, e a dos processos econômicos, políticos e sociais que constituem a globalização. Neste sentido, entendemos que Milton Santos leva em consideração as influências dos processos relacionados à globalização com relação aos estudos dos modos de vida que os indivíduos desenvolvem nos lugares. A definição de lugar

¹ Segundo Costa e Rocha (2010, p. 25) “os geógrafos geralmente compreendem a paisagem como a expressão materializada das relações do homem com a natureza”.

na Geografia Crítica deu-se principalmente a partir da valorização das questões políticas e econômicas presentes na sociedade.

Seguindo para o conceito de *região*, citando Cavalcante (1998, apud COSTA; ROCHA 2010, p. 25), “na visão da geografia crítica se analisa a região a partir da caracterização do capitalismo como um sistema que promove o desenvolvimento desigual. A região é considerada uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações e das contradições materializadas no espaço”. Para Corrêa (1991, p. 32, apud YÁZIGI, 2002), "a região é definida como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares". Este mesmo autor lembra que em seu reconhecimento e mensuração introduzem-se técnicas estatísticas, o que pressupõe mais objetividade do estudioso. Ressaltamos também que o termo região é comumente relacionado à diferenciação de áreas.

Com relação ao conceito de *território* sabemos que a renovação crítica da Geografia estabeleceu uma definição diferente para essa categoria. O conceito de território é estabelecido a partir das relações de poder espacialmente delimitadas, que atuam sobre um espaço concreto (material). Santos e Silveira (2001), propõem a noção de espaço territorial, que significa a presença de um Estado, um espaço e de uma nação. Deste modo, os agentes sociais, políticos e econômicos que interferem no espaço, são responsáveis pela definição do território. Para Saquet e Silva (2008), o território é um conceito subjacente em sua elaboração teórico-metodológica e representa um dado fixo, delimitado, uma área. Dematteis (2008, apud ABRÃO, 2010, p. 60), compreende o território como produto social, lugar de relações, considerando as interações entre diferentes lugares e pessoas. Trata-se de uma construção social, onde há desigualdades, combinadas às características naturais específicas de cada lugar. Resulta de uma construção coletiva e multidimensional.

Para se compreender as diferentes dimensões analíticas da Geografia é de fundamental importância que se aborde as categorias de forma articulada, avaliando e utilizando aquelas que mais se adéquam para a compreensão de cada realidade de pesquisa (MYAZAKI, 2008). Aliás, as dimensões de análise se referem a fenômenos e processos que se articulam entre si. A partir de suas categorias de análise a Geografia pode ser compreendida sob uma égide inter-relacionada dos fenômenos, que contribuem para o desenvolvimento de pesquisas articuladas com outras áreas de conhecimento, garantindo uma maior abrangência dos estudos voltados para a explicação da realidade.

Milton Santos (1996) explica que, desde que a Geografia começou a sua busca de individualização como ciência, os geógrafos tiveram a pretensão de que ela fosse, antes de tudo, uma ciência de síntese, capaz de interpretar os fenômenos que ocorrem sobre a Terra, com a ajuda de um aparato proveniente de uma multiplicidade de ramos do saber científico, tanto no âmbito das disciplinas naturais e exatas, quanto no das disciplinas sociais e humanas. A Geografia pode vir a ser compreendida através de uma abordagem que a represente e permita o surgimento de indagações a respeito de seu objeto de estudo e eixo central, o espaço geográfico, e de suas categorias de análise. Tem-se em vista que essa abordagem se encaixe na temática desta ciência e contribua significativamente para o surgimento de novas discussões teóricas acerca do pensar geográfico. Para Lima e Chaveiro (2011, p. 24):

A importância do espaço e de suas categorias de análise na constituição dos imaginários, na delimitação de fronteiras territoriais, no modo como as diversas identidades estabelecem vínculos com o mundo, no processo social de subjetivação e enfrentamento de conflitos econômicos e políticos deve ultrapassar a situação de um palco.

O ser humano atribui significações aos acontecimentos sociais presentes na sua realidade, relacionando-se uns com os outros, adquirindo experiências e transformando o espaço a partir das relações estabelecidas sobre o mesmo. A vida social torna o estudo do espaço um campo de inúmeras definições e abordagens e especifica-o também como o espaço vivido, ou seja, aquele em que as relações sociais são estabelecidas. Neste sentido, entendemos que a partir dessa relação entre vida social e espaço, a Geografia pode utilizar-se de outras formas de conhecimento para enriquecer seus conteúdos e atribuir uma valorização aos seus conceitos.

Na busca por explicar a relação entre espaço e sociedade, a partir da visão de espaço vivido, encontramos aqui um elo que liga a ciência geográfica com outra área que é desprovida de cientificidade: a Arte. Mas, como poderíamos utilizar-se da Arte para estudar o espaço geográfico? Desde que o Homem se tornou objeto de seu próprio estudo, vem crescendo as discussões acerca de suas ações e pensamentos. A Cultura como veículo de expressão do Homem atraiu a atenção de olhares no meio acadêmico, mas, quando se trata de relacionar arte (subjetiva) e ciência (subjetiva), tem-se um grande desafio para o seu reconhecimento. Assim, a resposta para essa pergunta será dada a partir da arte literária que utilizamos como um dos temas principais deste trabalho. Apropriando-se de uma abordagem cultural, a ciência geográfica pode estabelecer um diálogo com a Arte, em especial a

Literatura, para analisar as similaridades existentes entre o espaço geográfico e o espaço literário.

Ao se considerar a contribuição da Literatura para a Geografia, somos conduzidos a considerar que as obras literárias apresentam em sua maioria, uma representação da realidade espacial e da condição humana. A Geografia enquanto ciência estuda o espaço, onde está inserida essa realidade e a Literatura o representa. A utilização da obra literária como recurso na compreensão geográfica, permite a esta ciência ampliar seus meios para o entendimento das relações espaciais existentes. Para Farias (2011, p. 74), “o conteúdo espacial que configura as tramas literárias possibilita para os geógrafos e não geógrafos, um acesso a dimensões espaciais em que se inserem os sujeitos, seu cotidiano e sua cultura”. É a partir desse preceito que a ciência e a arte se inter-relacionam e também se complementam, enquanto áreas de conhecimento, utilizando-se de recursos semelhantes para estabelecer parâmetros que tanto podem ser usados pela Literatura como pela Geografia. A ciência geográfica tem procurado nos últimos 50 anos, avançar neste entendimento, acreditando que é possível estudar o espaço sem reduzi-lo à sua dimensão material, lógica e formal.

Entender a Geografia por meio da Arte² ainda é visto como um desafio para muitos estudiosos da área, uma vez que, esses estudos ainda são pouco requisitados nesse campo de conhecimento. O modelo científico adotado pelos geógrafos tem na objetividade sua maior característica. Contudo, a produção literária parte da subjetividade para expressar as experiências humanas no espaço. O que se percebe é que com relação às obras literárias os olhares dos geógrafos são direcionados para o contexto espacial construído na obra e nas relações Homem – Natureza definidos na mesma. A Literatura é capaz de produzir e transcrever diferentes representações da realidade, esta por sua vez, apresenta-se para o Homem como uma forma de se reconhecer no mundo através de suas experiências, contribuindo na formação de sua identidade. A intenção é utilizar-se dos textos literários para fazer uma representação dessa realidade, pois como a Geografia tem como objeto de estudo o espaço, a Literatura por sua vez, tem suas tramas configuradas nesse espaço.

Compreendemos que a Geografia, a partir do seu método científico e a Literatura com o imaginário, podem ser consideradas como “expressões” do mundo, por serem concebidas como modo de interpretação do real. O espaço, além de ser considerada a principal categoria de análise geográfica, oferece uma linguagem tanto real da ciência quanto simbólica da arte.

² As obras literárias não modificam as teorias já comprovadas pelas ciências. O seu papel é enriquecê-las através das representações em suas narrativas.

Em razão dessa linguagem simbólica, a Literatura torna-se capaz de produzir e transcrever diferentes representações da realidade. Essa realidade por sua vez, apresenta-se para o Homem como uma forma de se reconhecer no mundo através de suas experiências, contribuindo na formação de sua identidade. De acordo com Teixeira (2008) “a Literatura tem sido utilizada, embora timidamente, por geógrafos para empreenderem análises espaciais desde o início do século XX, por ser um meio eficaz de investigação que relata em diferentes escalas os lugares, o cotidiano, a paisagem, o mundo vivido”. Para a Geografia, essas análises espaciais são de grande importância, uma vez que, a obras literárias estabelecem uma relação de semelhança com a realidade espacial, tornando-se capaz de definir parâmetros para a compreensão do saber geográfico.

Para Moisés (2001, p. 44, apud TEIXEIRA; ERTZOGUE, 2013, p. 63), a Literatura “constitui uma forma de conhecer o mundo e os homens”, carrega em sua essência a séria ‘missão’ “de contribuir para o desenvolvimento daquilo que o homem busca compreender durante toda sua existência, ele mesmo”. Neste sentido, a representação do real feita pela Literatura, permite que o indivíduo não só entre em contato com o mundo em que vive, mas também compreenda, interaja e se comunique através dessa abordagem. Isso pode ser explicado pelo fato do ser humano conviver em sociedade, necessitando desenvolver técnicas para enfrentar os desafios impostos pelo processo de transformação do espaço. Aprendendo a lidar com as mudanças e a dominar as linguagens para se impor diante das dificuldades que lhes foram apresentadas. Tais linguagens permitem a criação de imagens e são resultantes da relação do Homem com o Meio, podendo ser apresentadas num sentido literário de representação do mundo.

Enquanto arte e linguagem intimamente relacionada à condição e existência humana, a Literatura apresenta-se capaz de exprimir o mundo subjetivamente concebido, situando indivíduos ou coletividades de determinado local. Na perspectiva dos escritores, a obra pode refletir uma história de vida de determinada sociedade num contexto espacial-temporal. Enquanto instituição social, a Literatura usa como veículo a linguagem, que é uma criação social. Wellek e Warren (2003), afirmam que a literatura “representa” a “vida”, e a “vida” em grande medida é uma realidade social. Essa realidade social faz parte do contexto geográfico, e pode ser determinada a partir das transformações da sociedade. O Homem é produtor de tais mudanças, e ao mesmo tempo torna-se produto³ de sua própria realidade, pois o ser humano

³Quando falamos em produto, queremos dizer que diante das condições que lhes são estabelecidas, o Homem altera sua personalidade para se adequar as mudanças que ele mesmo produziu. Como produto do seu meio, o ser

tem a capacidade de realizar modificações no seu meio e utilizar-se dessas mesmas mudanças para construir uma identidade que lhes favoreçam num determinado tempo e espaço.

1.1 Geografia Humanista: influência na aproximação geo-literária

A Literatura não é alheia à realidade humana, e se dela fala com a linguagem subjetiva do signo, nem por isso dela fala menos como realidade que a Ciência. São falas sobre o mundo tanto os discursos da Literatura quanto o da Geografia, da Sociologia, da Química, da Física ou da Psicologia, todos eles não sendo mais que modos de interpretação-representação do real. (MOREIRA, 2004, p. 188).

O interesse na utilização de textos literários por parte do saber geográfico não é recente. De acordo com Neta (2005, apud FARIAS, 2011, p. 74), “ainda no século XIX e XX, os textos literários, em especial os romances, eram tidos como fontes de informações geográficas sobre paisagens, lugares e povos, fornecendo assim elementos para o exercício geográfico consolidando-se em uma ‘síntese’ dos lugares”. Para Barcellos (2009, p. 42), “a literatura ocupa um importante lugar na investigação geográfica desde o início dos anos 70, coincidindo com o período de renovação nos estudos geográficos focalizando a dimensão cultural”. A consolidação da análise dos fenômenos geográficos tendo como referencial a Literatura, ocorreram, sobretudo a partir do advento da Geografia Humanista⁴, na ciência geográfica, baseando-se nos princípios da Geografia Crítica.

As bases da Geografia Humanista – ou Humanística, como a chama Tuan (1982) – foram lançadas nos Estados Unidos por um grupo de geógrafos que mostravam-se descontentes com o princípio lógico e do *optimum* econômico na condução das ações humanas e de sua relação espacial. Estes geógrafos começaram a utilizar-se de diversas fontes para enriquecer a perspectiva geográfica e para ampliar o entendimento da condição humana sob a Terra. Entre as influências estão a Psicologia, a Antropologia, a História e a própria Filosofia. (MANDAROLA JUNIOR; GRATÃO, 2003, p. 10).

O desenvolvimento destes trabalhos não representa apenas uma reflexão sobre os sistemas de produção, estruturas semióticas ou simbólicas, ou crítica ideológica, mas participam de uma visão fenomenológica destinada a remeter o sujeito, os sentidos e os

humano passa por esse processo de transformação até chegar numa adequação final ao ambiente, ou seja, sendo indissociáveis as condições do espaço produzido.

⁴A partir da década de 1970, a Literatura começou a ocupar uma parte importante na investigação geográfica com a emergência de uma de uma geografia humanista paralelamente a uma corrente crítica de inspiração marxista (BROSSEAU, 2007, apud ANJOS, 2010).

valores aos estudos geográficos (BARCELLOS, 2009, p. 42). Em virtude do movimento de renovação da Geografia, sobretudo a partir da década de 1960, a Geografia Humanista adquire uma identidade própria. Enquanto corrente do pensamento geográfico, ela preocupa-se com o espaço vivido (escola francesa) e fundamenta-se nos princípios fenomenológico⁵-existencialistas, com o intuito de apresentar a condição da existência humana e de sua experiência no mundo. A partir desses princípios, a Geografia é capaz de simbolizar e dar significados as ações humanas que de forma específica, são aplicados dentro de uma base teórica definida.

Dentre os estudiosos que seguem essa linha de pensamento humanista, podemos destacar os trabalhos realizados pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, que foi um dos pioneiros na busca de se usar a Literatura nos estudos geográficos. Na perspectiva de Tuan (1982), a Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através dos estudos das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. De acordo com essa abordagem, a leitura geográfica de obras literárias desponta informações sobre a organização humana no espaço, que por sua vez, é o objetivo central de toda relação que envolve a Geografia e a Literatura. Em sua obra *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (1983), Tuan consolida a relação entre a Geografia e Literatura por meio do enfoque dos conceitos-chave geográficos, espaço e lugar, que são trabalhados a partir da experiência e subjetividade humana.

Outra pesquisadora⁶ bastante reconhecida na Escola Humanista é a geógrafa Anne Buttimer, que segundo Oliveira (2001, apud ROCHA, 2007, p. 21), tem sua importância fundamental na constituição da Geografia Humanista, tendo em vista o desenvolvimento de seus trabalhos. A partir de um olhar crítico, tratou de questões sociológicas nos valores geográficos, avaliando as ideias de um ponto de vista filosófico, tecendo considerações sobre o existencialismo e fenomenologismo no futuro da Geografia. Buttimer tornou-se um dos expoentes do chamado aporte humanístico. Para ela a vertente humanística seria uma alternativa para a ciência objetiva, pois estuda o mundo vivido e a relação dos grupos sociais que o habitam. A partir do pensamento existencialista defendeu a ideia de descrições

⁵O termo *fenomenologia* surge a partir da palavra *fenômeno*, que é originada da expressão grega *fainomenon*, por sua vez deriva do verbo *fainestai* que significa “mostrar-se a si mesmo”, representando “(...) tudo aquilo que, do mundo externo, se oferece ao sujeito do conhecimento, através das estruturas cognitivas da consciência”. (SERPA, 2001, apud ROCHA, 2007).

⁶ Além desses, podemos também ressaltar Edwar Refph que assim como Tuan trabalhou o conceito de lugar; Frémont utilizando-se do conceito de espaço vivido e Cosgrove apresentando uma nova abordagem sobre a paisagem cultural.

explícitas e contemplativas do espaço e do tempo, bem como seus significados na vida humana diária.

Brousseau (2007, apud ANJOS, 2010, p. 2), afirma que “a Geografia Humanista seria a principal responsável por realizar a aproximação entre Geografia e Literatura, uma vez que, ela se pauta em ‘valores, intenções, subjetividade, identidade, enraizamento, experiência concreta’, para descortinar as relações do Homem com o lugar”. Enquanto área de conhecimento, a Geografia Humanista sugere que além do estudo do espaço, se deveria também dar uma importância maior ao “lugar” e à relação que os indivíduos estabelecem com ele. Os conhecimentos adquiridos pelos Homens⁷ a partir das suas experiências vividas contribuem para a construção de seus lugares que conseqüentemente atuam na formação de suas identidades. Ao procurar inserir o Homem no centro de seus estudos, essa corrente geográfica utilizou-se da Literatura⁸ como base metodológica.

[...] ao geógrafo humanista compete interpretar a experiência humana, esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, quando se referem ao espaço e ao lugar. Compete, também, mostrar que os significados e as valorizações presentes no espaço podem organizar a visão de uma paisagem ou as decisões sobre atividades a serem desenvolvidas (SANTOS, 2011, p. 76).

Os geógrafos humanistas preocupam-se em observar como o Homem representa ou interioriza sua experiência no espaço, levando em consideração a obra que lhes oferecer um encontro entre a subjetividade humana e o mundo real (objetivo). Dessa forma, a Geografia Humanista está ancorada nos estudos que envolvem a experiência humana no espaço, levando em consideração o modo como os fenômenos acontecem e se organizam na consciência humana, modificando os modos de pensar, ser, e de estar no mundo. Tissier (1991, p. 236, apud ALMEIDA; OLANDA, 2008, p. 14), comenta que o reencontro da Literatura com a Geografia está nas leituras de obras literárias feitas pelos geógrafos e afirma que a criação literária pode ser estritamente geográfica, pois, “o texto se refere a um lugar preciso; temático, ele se vincula à paisagem, ao conteúdo humano ou social; epistemológico, o leitor atualiza o

⁷Segundo Gomes (1996, p. 314), na corrente humanista a arte é considerada “como o elemento de mediação entre a vida e o universo das representações”. Tissier (1991, p. 237) vai além e diz que “a literatura é uma geografia mais humana”.

⁸A Literatura constitui-se, portanto, num documento que conta, cria e recria um momento espaço-temporal, trazendo elementos para se pensar a sociedade e o espaço que constituam o ambiente do escritor (MONTEIRO, 2002, p. 86).

sentido dos lugares, as representações”. O mesmo autor reconhece como pano de fundo da arte, o lugar, o conteúdo humano, o cotidiano e as representações.

Na Literatura encontramos diferentes obras que abordam esses temas geográficos, sendo ricas em descrições de paisagens e lugares que fazem parte da realidade do escritor. A junção dessas descrições, com os temas das obras trabalhadas são reveladoras de um espaço subjetivamente representado, pois sabemos que a Arte é desprovida de métodos científicos, sendo considerada subjetiva. Segundo Anjos (2010, p. 3), “a narrativa literária tece fotografias imaginárias que ajudam a desvendar conflitos sociais, modos de vida, organização do trabalho, forma e função de cidades, hábitos de moradia, cultura alimentar, dirimir preconceitos, entre outros, uma vez que a pessoa cria suas tramas a partir do meio que o circunda”. A Literatura nos oferece um mundo subjetivo, podendo ser apresentada como um meio de expressão conectora dos indivíduos pertencentes à sociedade com o as representações do espaço. Partindo destas considerações, veremos a seguir como o espaço vivido é abordado na temática da Geografia Humanista e também como as descrições das paisagens (ressaltadas anteriormente) são desenvolvidas no campo literário, partindo do contexto geográfico.

1.1.1 O espaço vivido e a paisagem literária

As representações do espaço vivido, percebido, imaginado e concebido são expressões de diferentes modos de pensar e portando, viver, perceber, imaginar e conceber os diversos territórios que fazem parte de nossa vida cotidiana (KATURA, 2001).

Não há como se falar na relação entre Geografia e Literatura sob o âmbito da Geografia Humanista, sem levar em consideração o “espaço vivido”, termo muito utilizado nos trabalhos realizados nessa área. A ideia de espaço vivido está centrada nas experiências vivenciadas pelo escritor e descritas na Literatura, como também, nas experiências espaços-temporais do leitor, que servirão de bases para a construção do imaginário e atribuição de significados a obra lida. Neste sentido, entendemos que não é só por meio da perspectiva do escritor que está ancorada a relação da Ciência com a Arte, pois esta questão envolve mais do que apenas descrever o espaço. Ela envolve principalmente, o modo como o contexto da obra será entendido pelo leitor, que poderá tomar uma posição acerca da realidade representada na obra, e assim fazer uma crítica com relação à mesma.

O espaço é representado segundo um imaginário social em que não se deve negar a materialidade, o concreto. Entretanto, podemos entender nuances na multiplicidade de representações deste real - espacial. Na apreensão do espaço geográfico entram em jogo o ideológico, o político e o cultural; há, portanto, que se compreender que a representação entra na dimensão simbólica desta apreensão (BASTOS, 1993, p. 8).

O escritor literário elabora referenciais simbólicos nos quais permitem para aqueles que lêem suas obras, realizarem um diálogo com as mesmas, no que se refere à produção de significados para a vida. Para possibilitar uma melhor leitura do espaço concreto, o escritor busca criar um espaço representado a partir da sua experiência de vida, ou seja, o artista utilizando-se da sua capacidade criadora apresenta um espaço subjetivamente concebido, que se limita de acordo com a sua vivência. A partir disso, o artista pode interpretar e dar significação ao espaço real, contextualizando-o de tal forma, que permita a criação de uma narrativa literária.

O processo de criação de uma obra literária, a partir da perspectiva do Literato como um ser humano que interage com o mundo, acaba por criar um “mundo(s)” em sua obra; finge uma espacialidade com o enredo narrativo, conquanto, este enredo só toma sentido de fato quando os elementos mimetizados na obra estabelecem contato com o leitor, ampliando, assim, o diálogo do homem com o mundo através da obra (PINHEIRO, 2013, p.78).

O espaço vivido do autor e também do leitor da obra, se insere no contexto do discurso da narrativa, sobretudo no que diz respeito ao processo de criação do mundo enquanto espaço de experiências humanas. A obra literária por meio do seu contexto espacial-temporal se estrutura numa determinada forma discursiva, que pode ser alterada de acordo com a ótica de cada leitor, transcendendo sua gênese e produzindo novas significações, adaptadas a espacialidade vivida de cada um. Neste sentido, entende-se que a narrativa literária pode ser considerada como um dos modos de discursos sobre o real, utilizando-se de símbolos e imagens para representá-lo. A obra literária representa um espaço imaginariamente construído e essa representação pode ser feita sob uma temática, que aborde conflitos sociais e ideológicos de determinada cultura, a partir da experiência do escritor.

Partindo do princípio de que o espaço é produzido, pensado e apreendido, compreende-se que o mesmo tem diversas formas de organização e também diversos tipos de

discursos sobre sua realidade, dentre os quais podemos citar, além da Literatura, o Cinema⁹, a Pintura e a Música. Estes tipos de discurso sobre o real se inserem dentre as inúmeras possibilidades de percepção da realidade humana. Torna-se de grande importância salientar, que estes discursos não representam a realidade tal como ela é, apenas a “representifica”, como afirma Menezes (2004), por meio de uma interação entre o real e a fantasia¹⁰ mais as experiências individuais de cada espectador da obra.

Para a Ciência Geográfica, há um interesse na imagem espacial e social que o discurso literário constrói, utilizando-se das relações sociais estabelecidas no enredo como um caminho para o entendimento do espaço geográfico, consolidando-se como uma forma de representação através dessas simbologias. Ribeiro (1990, apud BASTOS, 1993, p. 4) sugere:

Os discursos são formadores de realidade e, assim, o **real** impõe-se ao conhecimento uma vez inserido numa prática discursiva. O ser humano pode ter contato com o real através dos discursos que constroem concepções deste real, segundo vivências e experiências, que nada mais são do que representações do real. (grifo do autor).

A Literatura busca abranger a realidade a partir de uma estrutura desprovida de cientificidade, apresentando por meio de suas representações, os processos naturais e sociais presentes no espaço literário construído, no qual podemos considerar, como uma reprodução do espaço geográfico. Esses espaços na Literatura são trabalhados pelos escritores em diferentes aspectos, pois cada um tem seu modo de ver o mundo e de representá-lo. Para Amora (2006), a Literatura pode ser entendida como uma manifestação das experiências espaciais cotidianas do autor, nas quais produzem um conhecimento em que os indivíduos possam se identificar e até mesmo tecerem afinidades com as coisas do dia-a-dia.

O escritor, como indivíduo integrante da sociedade, reflete e escreve acerca de sua espacialidade, construindo uma identidade literária que vai além de suas experiências particulares. Através da sua percepção, o literato guarda vestígios dos lugares que o cercam ou até mesmo daqueles nos quais apenas ouvem falar, representando-o de acordo com a sua ótica. O meio social e natural se conjugam como bases para as histórias desenvolvidas na Literatura e vários escritores têm concepções distintas, quando se trata das relações sociais e naturais existentes no espaço. Para os escritores que participam da mesma corrente literária, o

⁹A arte cinematográfica faz uma representação da realidade e cabe a Geografia realizar uma análise dessa representação do espaço na paisagem e lugar fílmico.

¹⁰Suposta representação do real. Aquilo que está sendo mostrado.

espaço representado apresenta inúmeras semelhanças. É evidente que apesar de semelhantes, cada obra é de caráter único, pois como já afirmamos cada escritor tem um modo diferente de constituir uma narrativa, seja no uso das palavras, na criação de imagens, ou até mesmo como a narrativa se desenvolve. Segundo Monteiro (2002, p. 86), “os bons escritores, como testemunhos de seu tempo, captam ‘eventos’ retratando os aspectos da condição humana que ‘tiveram lugar’. A Literatura, enquanto portadora destes sentidos e significados, enriquece e complementa a realidade buscada pelo geógrafo”. A realidade é, portanto, descrita de acordo com a percepção do escritor e a narrativa, além de ser lida, pode ser imaginada pelo leitor de acordo com a sua interpretação.

É evidente a relação da Ciência Geográfica com a Arte. Ler e interpretar obras literárias torna-se para os geógrafos, um dos meios de investigação da realidade humana e suas ações no meio natural. Revelam-se informações sobre as diferentes paisagens, estilos de vida da sociedade, além de características culturais, econômicas e históricas. A paisagem, aliás, é um dos principais temas geográficos encontrados em obras literárias, pois a produção literária é rica em detalhar paisagens, sejam elas urbanas ou rurais. Assim, essa categoria de estudo geográfica, torna-se uma referência para o escritor literário, sendo também utilizada pelo geógrafo, que busca na Literatura um meio para compreensão do espaço.

Quando discorremos sobre paisagem, buscamos também remetê-la ao seu sentido literário, ou seja, definir a paisagem geográfica a partir do conceito de paisagem literária. O estudo das paisagens tem se expandido no âmbito dos estudos literários, como forma de contribuição para o desenvolvimento interdisciplinar entre áreas do conhecimento. A análise da paisagem nos textos literários permite uma apreciação dos seus elementos naturais, sociais e culturais, revelando a experiência subjetiva dos escritores com relação ao lugar descrito e também a identificação da narrativa no contexto espaço-temporal. Portanto, para além da dimensão espacial da paisagem, esta se insere numa dimensão temporal, que condicionam as relações existentes entre a sociedade e a natureza representada.

Como já apontamos os escritores literários, em sua maioria, narram o que viveu ou conheceram, construindo assim referenciais de paisagem que lhes são particulares. De acordo com Seemann (2007, p. 52), a paisagem inspira o artista, que por sua vez a representa com seu próprio olhar, imaginação e sentimentos. Deste modo, os textos literários descrevem paisagens de diferentes formas, tendo sua narrativa desenvolvida em torno do espaço geográfico, onde está inserida a paisagem. As paisagens literárias estabelecem uma relação

de verossimilhança com a realidade dos lugares, sendo capaz de despertar nos leitores a ideia de aproximação com a obra descrita.

O entendimento da paisagem literária como a representação do real, só se torna possível a partir do desenvolvimento do conceito de paisagem geográfica que, neste caso, torna-se o referente, ou seja, o fato real. As paisagens geográficas descritas nas obras ultrapassam a sua função de simples cenários para o desenvolvimento das narrativas. Para Lima (2000, p. 5), “a relação escritor/leitor e estas paisagens assumem uma forte magnitude, pois o meio ambiente narrado vincula-se direta ou indiretamente, aos destinos humanos, fictícios ou reais, desvendando identidades e traços psicológicos, justificando atitudes e condutas dos personagens”. As paisagens refletem um conjunto de significados específicos para cada ser humano, conforme o caráter de suas intenções e a natureza apresentada pelos ambientes encontrados.

O indivíduo transporta suas experiências e acontecimentos para as paisagens, criando uma relação de dependência com meio em que vive. Conforme a sua renovação, a paisagem transcende a sua essência geográfica, passando a construir referenciais simbólicos para o Homem, que a define e também a transforma. Tais referenciais são construídos principalmente, por que o indivíduo consegue ver direta ou indiretamente as modificações que são feitas no seu meio, pois a paisagem é também o aspecto visível do espaço. É, pois, com relação à paisagem ser considerada o aspecto visível do espaço, que apontaremos adiante a definição dessas categorias de estudo geográficas na perspectiva de Milton Santos. Para chegarmos ao enfoque teórico do termo paisagem, é de suma importância a compreensão do espaço geográfico, pois ambos atuam na construção do imaginário literário.

1.2 Espaço e Paisagem: o olhar geográfico de Milton Santos

A idéia de espaço evoca as diferentes formas assumidas pelo processo de estruturação social. Neste sentido, o espaço, mais do que a manifestação da diversidade e da complexidade sociais, é ele mesmo, uma dimensão fundadora do ‘ser no mundo’, mundo esse, tanto material quanto simbólico, que se expressa em formas, conteúdos e movimentos (CASTRO, GOMES, CORRÊA, 2012, p. 7).

A partir da visão de espaço de acordo com a organização humana (social), e também do termo paisagem, faremos uma breve discussão acerca da definição dessas categorias de estudo da Geografia através dos trabalhos do geógrafo Milton Santos que trata do espaço como uma instância social organizada pelo Homem e da paisagem como resultante dos

processos espaciais. Cabe aqui ressaltar que esses termos serão trabalhados a partir de seus conceitos, porque as obras literárias configuram um conteúdo espacial com representações de paisagens naturais ou humanas, de determinadas épocas.

A leitura de textos desse autor nos proporciona uma melhor compreensão, não só do modo de identificação do espaço com seus componentes, “[...] mas também do modo de conjugá-los à sociedade, o que nos leva a observar as obras literárias e, de modo especial, o objeto de nosso estudo sob a perspectiva de conjuntos dinâmicos, alterados em consonância com as ações dos personagens” (SANTOS, 2006, p. 17). Entender o espaço geográfico a partir da proposta de Santos coloca-nos na condição de investigadores, pois devemos partir das questões quem envolvem o meio social associado ao meio físico.

Girardi (2009) aponta que Milton Santos trabalhou para estabelecer uma teoria geográfica social crítica e por isso se dedicou principalmente às elaborações teóricas, resgatando conceitos, categorias e proposição de outros autores. O trabalho de Santos é extremamente amplo e complexo, contemplando como referência teórica, grande parte da diversidade de estudos geográficos. As definições de espaço propostas por Santos serão úteis, pois a objetividade dimensional que apresentam fica validada pelo rigor exigido na pesquisa científica literária. Segue-se assim, uma proposta de identificação dos elementos presentes na sociedade e na natureza, para que juntos possam formar um referencial de estudo geográfico através do contexto literário. Através de seus trabalhos, Milton Santos foi um grande colaborador nos estudos voltados para o campo geográfico, e aqui nos serve referência, por apresentar uma visão articulada das categorias de análises geográficas.

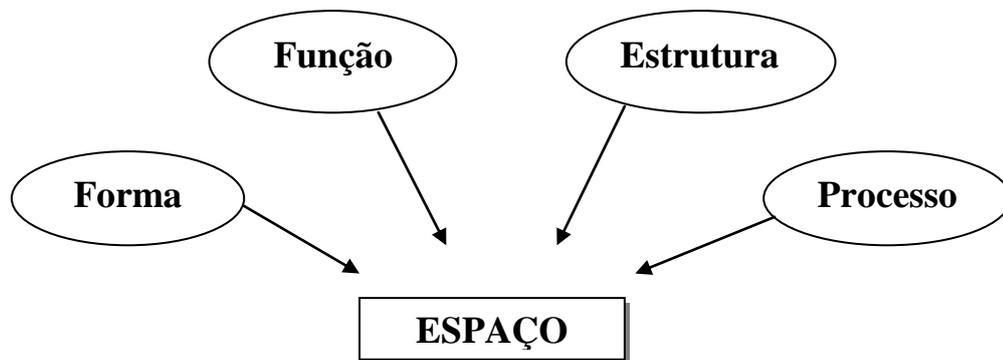
1.2.1 Conceitos e Definições

A partir da complexidade do mundo atual, a busca pelo entendimento do espaço geográfico e das relações existentes entre Homem e Natureza, induz o geógrafo a buscar novos discursos acerca dos eixos temáticos que correspondem a Geografia. Desta maneira, estes discursos possibilitam a consolidação de uma interdisciplinaridade da Ciência Geográfica com outras formas de conhecimento. Nas palavras de Seemann (2007), a compreensão do espaço coloca a Geografia na procura de um discurso específico centrado não apenas na naturalidade pura dos fenômenos, mas, fundamentalmente, em suas inter-relações com os fatos sociais. São essas inter-relações que fazem com que, a Geografia encontre

caminhos para a realização de pesquisas e análises dos fenômenos naturais e sociais que acontecem no espaço e conseqüentemente o transformam.

Os fatos provenientes da sociedade são as bases dos estudos de Milton Santos que buscou definir a Geografia como uma ciência social, suscetível a fazer uma crítica à sociedade através do estudo do espaço. A sociedade está inserida no espaço, mas o mesmo só é produzido com a existência do meio social. Assim o estudo do espaço só se torna possível se levarmos em consideração sua relação com a sociedade, pois como afirma Santos (1978), ela faz uma especificação da forma, função, estrutura e processo, que se constituem como bases metodológicas para possibilitar uma discussão dos fenômenos espaciais numa totalidade¹¹.

FIGURA 01



Categorias do método geográfico de Milton Santos

Fonte: organizada pela autora

Santos (1978) expõe que a forma é o aspecto visual de um objeto, seu exterior; a função atribui atividades e destinos às formas cotidianamente vivenciadas em suas múltiplas dimensões; a estrutura diz respeito à natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento temporal; e o processo é a ação contínua que visa um resultado qualquer implicando tempo e mudança. Para ele, essas esferas são indissociáveis, pois tomadas individualmente representam apenas realidades parciais, limitadas do mundo e não geográficas. Juntas, porém, constituem uma base teórica para se discutir os fenômenos espaciais. Deste modo, o espaço é construído através de processos e é estruturalmente organizado por formas e funções que podem se alterar de acordo com o desenvolvimento de cada sociedade.

¹¹A ideia de totalidade advinha da filosofia clássica, seria aquela em que todas as coisas presentes no universo formam uma unidade.

Em *Por Uma Geografia Nova* (1978) Santos define o espaço como um conjunto de formas representativas das relações sociais do passado e presente, além de considerá-lo como uma estrutura representada por relações que acontecem e manifestam-se através de processos e funções. O espaço geográfico é um produto histórico construído a partir das relações entre sociedade e natureza e carrega marcas das práticas sociais dos indivíduos que nele vivem, constroem e transforma-o. Para este geógrafo, o espaço é proposto como uma instância social dinâmica, reflexo da sociedade e sua distribuição sobre o território. Acrescenta ainda que a essência do espaço é social, mas está diretamente associada aos objetos geográficos naturais ou artificiais, que juntos consolidam os fenômenos existentes no espaço.

Santos também expressa que o espaço deve ser considerado como uma totalidade, não apenas uma instância isolada¹², e o entendendo como uma instância social, não significa deixar de lado sua parte material. Para ele o espaço existe, “é a matéria trabalhada por excelência”, (1986, p. 137). É nele que as relações sociais acontecem e é a partir dele que é definida toda estrutura física e econômica da sociedade. O espaço social corresponde ao espaço humano, lugar de vida e trabalho: morada do Homem, sem definições fixas. O espaço geográfico é organizado pelo indivíduo vivendo em sociedade, que historicamente, produz seu espaço como *lugar* de sua própria reprodução, (SANTOS, 1978, apud SAQUET; SILVA, 2008). É neste sentido que Milton Santos define o espaço: a partir da organização feita pelo Homem, caracterizando-o como instância social, ou seja, reflexo da sociedade.

Compreendemos a partir da proposta de Santos que o espaço é concebido a partir das formas, mais a vida que as anima (sociedade), podendo ser entendido como um sistema de valores que se transforma permanentemente, (SANTOS, 1999). Essas formas que constituem o espaço referem-se aos aspectos visíveis, exterior, de um conjunto de objetos, que contém heranças do passado e são historicamente contextualizadas. A partir delas, encontramos a definição do termo paisagem defendida por Milton Santos, que a considera como o contorno visível do espaço, apresentando objetos reais concretos e caracterizando-a como um sistema material no qual a sociedade atribui valores.

Para Santos, paisagem e espaço não são sinônimos. A partir disso, estabelece uma distinção epistemológica entre estes termos. O autor nos apresenta como exemplo dessa distinção a bomba de nêutrons que seria capaz de aniquilar toda a vida humana de uma

¹²Para compreendermos a configuração do espaço que se apresenta atualmente, devemos estar atentos aos processos que influenciaram e que de alguma forma continuam influenciando a produção do espaço como totalidade.

determinada área, mas que manteria as construções. Esse foi um projeto do Pentágono abortado por Kennedy durante a Guerra Fria. A área antes de a bomba ser deflagrada seria o espaço e logo após a explosão somente a paisagem.

Milton Santos afirma que a paisagem (1999, p. 83), “é o conjunto de formas, que num dado momento, exprime heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. Para ele a paisagem é dinâmica, mudando em ritmos diferenciados, pois sempre que a sociedade muda, as relações nela existentes também acompanham essa mudança. Neste sentido, podemos relacionar a paisagem com o espaço, pois este também é dinâmico e sempre estará sofrendo constantes alterações. O que os diferenciam é que na paisagem, as alterações são consideradas de maneira parcial, pois alguns de seus elementos não sofrem mudanças e se apresentam como heranças do passado.

As formas da paisagem realizam no espaço, as funções sociais. Se considerarmos em um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento da sociedade, sendo resultado de uma acumulação de tempos, para cada lugar, cada porção do espaço, na mesma velocidade ou direção. As formas que compõe a paisagem são alteradas e renovadas para serem substituídas por outras, que correspondam às necessidades da nova estrutura social. Segundo Santos (1999, p. 83), “a paisagem é trans-temporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um Presente, uma construção horizontal, uma situação única”.

O termo paisagem é extremamente polissêmico e os estudos voltados para essa categoria geográfica envolvem inúmeras abordagens. Tais abordagens partem do pressuposto de que não se pode falar em paisagem, sem levar em consideração o espaço geográfico, pois a mesma está inserida no espaço. As paisagens geográficas podem ser entendidas por diferentes prismas e esse universo de significados, envolve vários ângulos da realidade vivida de cada indivíduo pertencente à sociedade, sejam eles no sentido de percepção do meio ou da própria experiência humana com o mesmo. É em relação ao Homem, que a paisagem tem garantida sua forma de análise, pois só a partir do olhar de quem a observa é que se pode fazer uma definição de suas diversas configurações no espaço.

Para Lima (2000), as paisagens geográficas são cenários do mundo vivido que carregam símbolos e signos em contínuo dinamismo. Transmitem mensagens sobre a percepção, valorização e significação do ser humano com seu espaço vivido. As paisagens geográficas constituem-se também como um referencial para simbolizar as transformações do espaço vivido, que neste caso é relativo a cada tipo de sociedade. A análise da paisagem como

categoria de estudo da Geografia aponta para uma abordagem descritiva das relações sociais existentes no espaço e também dos fatores que o determina. Dessa maneira, enquanto categorias de análises utilizadas pela Geografia, o estudo do espaço e da paisagem contribui para uma melhor compreensão da sociedade e de suas transformações no mundo.

O entendimento e definições das particularidades do espaço, sejam elas no sentido da descrição das paisagens, nos aproximam da realidade, que por sua vez, abre um leque de caminhos que podem ser utilizados para a consolidação de uma aproximação da Geografia com a Literatura, que está intimamente relacionada com as práticas sociais. Essas relações são atuantes na formação de uma representação espacial descrita na obra literária e entendida como uma forma de interpretar o real. Para Ferrara (1986, apud BASTOS, 2007, p. 7):

Toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou em primeira instância, toda representação é gesto que codifica o universo, daí se infere que o objeto mais presente e, ao mesmo tempo, mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real.

É importante frisar que toda representação é parcial, não abrangendo uma totalidade e apresenta uma parcela de absorção do real, na qual abre novas possibilidades de interpretações do espaço. A Ciência Geográfica busca assim, diferentes maneiras para explicar a realidade e partindo do entendimento de que a representação é um modo de interpretar o real, utiliza-se das contribuições oferecidas pela Literatura na descrição dos fenômenos geográficos representados nas obras.

Partindo do enfoque teórico sobre a Geografia Humanista e da definição de espaço e paisagem na perspectiva de Milton Santos, veremos como uma obra literária pode ser analisada sob a ótica geográfica. Para tanto, realizamos no capítulo seguinte, algumas considerações sobre a Corrente Literária Regionalista utilizada no campo de estudo brasileiro como forma de relacionar as nossas reflexões sobre a Geografia e a Literatura. Apresentaremos como primeiro exemplo para as nossas análises, a obra do escritor Euclides da Cunha, *Os Sertões* (1902), onde faremos uma breve discussão acerca da temática geográfica abordada na mesma. Logo após (capítulo 3), iniciaremos uma análise geográfica da obra *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, que se constitui como eixo basilar deste trabalho. Esses romances regionalistas apresentam diferentes temas geográficos em seus enredos, possuindo um grande potencial para serem trabalhados a partir de uma visão articulada da Ciência com a Arte.

1.3 Geografia e Literatura no campo de estudo brasileiro: os Romances Regionalistas

Os estudos desenvolvidos no panorama brasileiro com relação à aproximação da Geografia com a Literatura partem de uma abordagem geo-literária de obras nacionalmente conhecidas, que muito tem a contribuir na construção dos trabalhos voltados para esse contexto. Dentre eles, podemos citar a dissertação de mestrado de Solange Terezinha de Lima, que utilizou como base a obra *Grande Sertão: Veredas* (1956) de Guimarães Rosa, mostrando o lugar e o espaço sob a perspectiva do geógrafo humanista Yi-FuTuan. Também apontamos o trabalho realizado pelo autor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que a partir de sua obra *O mapa e a trama* (2002), publicou uma série de estudos sobre diferentes obras, buscando pelo conteúdo geográfico nos romances.

A Literatura apresenta diferentes vertentes no desenvolvimento de suas produções. Neste caso em especial, para explicar os conteúdos geográficos em obras literárias, utilizaremos como apoio os romances regionalistas brasileiros que tem como principal característica, a ambientação das suas narrativas em determinadas regiões do país, onde são apresentados os aspectos físicos e sociais deste espaço. A Geografia utiliza-se dessa corrente literária por abordar principalmente as categorias *espaço, paisagem, região e lugar* como centrais para a construção da narrativa, possibilitando assim fazer a inter-relação desses campos de conhecimento. Para Coutinho (2007, p. 200):

Desde o Romantismo, com a valorização do “genius loci”, um fato da maior significação foi à crescente importância do Brasil regional. As influências geográficas, econômicas, folclóricas, tradicionais, que deixaram traços marcantes e características distintivas na vida, costumes, temperamento, linguagem expressões artísticas, maneiras de ser e sentir, agir e trabalhar, fizeram-se perceber na vida intelectual brasileira desde que a consciência nacional brotou para a independência política e cultural.

É a partir da caracterização das regiões brasileiras, da definição dos lugares onde ocorre a história e da descrição das paisagens, que se constrói o espaço na narrativa literária, sendo considerado no seu contexto físico-social. De acordo com George Stewart (1948, apud COUTINHO, 2007), podemos definir o regionalismo de duas maneiras: num sentido mais amplo, uma obra seria considerada regional quando aborda alguma região em particular. Por outro lado, para ser estritamente regional, uma obra não tem que ser somente localizada numa

região, ela também deve retratar o aspecto real desse local, apresentando desde o meio natural como o clima, relevo, vegetação e fauna, como os elementos que configuram a sociedade estabelecida nessa região.

O geógrafo humanista Paul Claval (1987), considera a Literatura como um documento revelador das subjetividades de uma determinada região e aborda as relações existentes entre a Geografia Regional e a Literatura. Se nos remetêssemos apenas ao fato da Literatura Regionalista caracterizar as regiões brasileiras, poderíamos associá-la apenas a Geografia Regional. Entretanto, observamos nesses tipos de obras, diferentes elementos geográficos que podem ser trabalhados em qualquer área dessa ciência, seja partindo dos princípios da Geografia Física ou da Geografia Humana. Teixeira e Ertzogue (2012), afirmam que a corrente regionalista busca ao longo do seu percurso histórico estabelecer a aproximação do Homem com a sociedade que o representa. Essa representação é feita através das suas angústias, sonhos e desejos para dar significação ao seu modo de ser e agir, transfigurando assim a realidade.

De base modernista, essa corrente se consolida na literatura brasileira a partir do século XIX, ganhando força principalmente durante a República Velha e o Estado Novo entre os anos de 1889 a 1945. O regionalismo torna-se fundamental na criação da identidade nacional do país, por representar a realidade das regiões do Brasil, podendo ser definido como a corrente literária na qual se insere uma obra que traduza peculiaridades de determinado locais e determinadas regiões. De acordo com Antonio Candido (1985, p. 350 e 2004, p.61, apud ORTEGA; PELOGGIA; SANTOS, 2009, p. 138):

O romance regionalista da época do Romantismo constituiu-se num instrumento de descoberta e de interpretação das diferentes áreas do país, com sua paisagem e os seus costumes, acentuando as particularidades locais. Corresponderia a certo tipo de nacionalismo, que levava a preferir como temas os aspectos diversos da sociedade e da natureza.

A corrente regionalista preocupa-se com as questões de verossimilhança com o ambiente representado e os seus textos podem ser considerados também documentais. Para Vicentini (2007), a partir dessas obras caracterizadas como documentos, podem-se verificar as características do lugar representado: a linguagem da região, a fauna, a flora, os ofícios, os espaços, os comportamentos, as roupas, as situações, os climas, o jeito de ser, o nível mental, os problemas regionais, as crenças, o universo ideológico, entre outros. A Literatura Regional não se utiliza apenas de determinado espaço geográfico para ambientar suas histórias, ela

expõe o que está à margem da sociedade, quando coloca em evidência uma realidade ignorada por muitos. Além disso, as obras regionalistas apresentam em suas narrativas elementos geográficos que se constituem como referência para a formação do espaço como uma totalidade, ou seja, utilizando do espaço físico-social.

A Literatura Regionalista produz percepções diversas da produção do espaço brasileiro, apresentando elementos que caracterizam uma determinada região, tratando de temáticas que envolvem esse espaço de modo particular e também de ordem geral. Essa corrente utiliza-se da geografia da região para mostrar como a sociedade se estabelece e interfere no espaço, paralelamente sofrendo influência do mesmo. Para Vicentini (2007, p. 188), “a literatura tem entendido a região como um mundo já elaborado, matéria pronta, que enfatiza espaços físicos, história, usos, costumes, imaginários específicos e regimes interpessoais”. Nessa perspectiva, a região é concebida na Literatura como área de interação de fatores físicos, sociais e históricos, formando uma narrativa composta de acontecimentos que são representados nas obras literárias. Os aspectos geográficos (físicos e sociais) da região nessa corrente literária são utilizados pelos escritores na criação de uma visão de mundo subjetivamente concebido.

Os romances regionalistas tiveram seu ápice na década de 1930, período que ficou conhecido como “O Romance Regionalista de 30” e a maioria das obras dessa corrente tem como palco de suas narrativas o sertão do Brasil. Para Teixeira e Ertzogue (2012), nesta fase regionalista o sertão é expandido, passando a significar o próprio espaço, além de atribuir forte conotação social ao ser humano que o habita. Os personagens são redimensionados, simbolizando o Homem com seus problemas locais. Nessa abordagem literária sobre o espaço sertanejo, o aspecto mais valorizado acaba sendo a relação do Homem com a Natureza e é isso que permite uma discussão geográfica. Ao analisarmos a temática desses romances observamos que a região nordeste tem papel expressivo nessa fase e o espaço rural é o recorte espacial mais utilizado nessas obras. Segundo Castro (2001, p. 104, apud HAIDUKE, 2008, p. 12), a criação do Nordeste é executada através de uma unificação de discursos sobre a natureza semi-árida e a seca nordestina, fundamentando a construção de um imaginário regional e os símbolos a ele associados.

De acordo com Lima (2000), as criações da Literatura Regionalista com enfoque especial naquelas que se reportam a Região Nordeste, são excelentes contribuições que devem ser somadas aos estudos sócio-econômicos e históricos do país. Apesar de essas obras terem sua maior expressividade no Nordeste brasileiro, esse movimento não se restringiu apenas a

essa região. Na região Sul, por exemplo, considerada um campo rico no regionalismo literário por apresentar paisagens físicas e humanas diversificadas, temos o escritor Érico Veríssimo com romance *O tempo e o vento* (1949) que mais tarde se tornou uma trilogia. No Sudeste temos a obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956) abordando o sertão de Minas Gerais, e Visconde de Taunay com *Inocência* (1872) que se passa “especificamente no sertão da então província de Mato Grosso”, (ORTEGA; PELOGGIA; SANTOS, 2009, p.139) mostrando as características desse lugar e de seus habitantes, descrevendo os costumes dos sertanejos.

As obras regionalistas relatam os estilos de vida, as características sócio-culturais das regiões, além das estruturas econômicas em diferentes contextos históricos do país. Essas descrições proporcionam aos leitores fazerem uma reconstituição mental da paisagem geográfica do nosso país, contribuindo não só para definir as características da Geografia presente na obra, mas também como a História participa dessa relação. Ainda de acordo com Lima (2000), estes ciclos da literatura brasileira se alimentaram das peculiaridades regionais do país, muitas vezes em tons de denúncia de situações sociais e humanas dramáticas e deploráveis, em descrições marcantes do homem e da paisagem, sugerindo a partir dos elementos e aspectos vivíveis da paisagem, a dimensão mais profunda dos ângulos da realidade percebida do lugar. A paisagem regional apresenta variações na sua fisionomia geográfica, inspirando o escritor a transmitir as suas diferentes experiências com o espaço, por meio da Literatura, pois as peculiaridades das regiões brasileiras nos seus aspectos naturais e sociais possibilitam a organização dos espaços em diferentes níveis.

Dentre os escritores romancistas de maior destaque desse contexto histórico da década de 1930, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado são alguns dos nomes que se destacaram nessa fase. Caracterizado pela denúncia social no país, esse período contou com a preocupação dos romancistas em difundir os problemas sociais do Brasil, mostrando sua realidade. Neste momento, podemos enfatizar a importância do escritor Euclides da Cunha na construção do romance regionalista brasileiro. Euclides não participou do contexto histórico da década de 1930, mas a sua obra mais conhecida, *Os Sertões* (1902), marcou o início do romance regionalista no país, por apresentar a problemática social da região nordeste. Para Lima (2000), esses escritores narravam em suas obras o drama da vida do nordestino nos aspectos sociais, psicológicos e nas relações socioeconômicas que eram determinadas pelas condições climáticas, pela falta de infra-estrutura e também pelas condições de vida decorrentes da miséria. A seguir (quadro 1), apresentaremos algumas obras regionalistas

conhecidas nacionalmente que tem suas narrativas ambientadas no sertão nordestino e, além disso, apresentam diferentes temáticas geográficas.

Quadro 1. Obras Regionalistas que apresentam o sertão nordestino como cenário

<p>Livro: <i>Os Sertões*</i> (1902) Autor: Euclides da Cunha Temas abordados: Seca, paisagem, conflitos sociais e ideológicos, autoritarismo e domínio oligárquico.</p>	<p>Resumo: Dividido em três partes – A Terra, O Homem e A Luta –, o livro ganhou status de obra literária em virtude do estilo apurado e impecável de Euclides da Cunha. A TERRA- De um ponto de vista privilegiado, elevado, o narrador inicia uma série de descrições que se aproximam de uma tese científica. Passando seu olhar arguto por análises biológicas, climáticas e geográficas, ele descobre o espaço do sertão. Começa pelo planalto central e chega até o norte da Bahia, no arraial de Canudos. O HOMEM- Partindo de uma análise da gênese antropológica das raças formadoras do homem brasileiro, o narrador decreta a impossibilidade de unidade racial, ou seja, no Brasil seria impossível termos uma raça homogênea. Porém, devido ao isolamento dos paulistas desbravadores que se tornaram vaqueiros do São Francisco, pode-se dizer que se criou nesse povo certa homogeneidade. O narrador discorre, também, sobre as tradições sertanejas dos vaqueiros, descrevendo com minúcias seu modo de vida. A LUTA- O conflito de Canudos surgiu de uma pequena desavença local. Antônio Conselheiro havia encomendado e pago um lote de madeiras para a construção de uma igreja no arraial de Canudos. Como o lote não foi entregue houve uma ameaça de ataque à cidade de Juazeiro. O juiz da região pediu ajuda ao governador da Bahia, que, não conseguindo resolver a situação, solicitou a presença das tropas federais. Antônio Conselheiro também era acusado de sonegador de impostos e de ser anti-republicano, por manifestar-se contra a dissociação entre Estado e Igreja no casamento – medida surgida com o advento da República. Disponível em: www.guiadoestudanteabril.com.br</p>
<p>Livro: <i>A Bagaceira</i> (1928) Autor: José Américo de Almeida Temas abordados: Seca, fome, migração, exploração, opressão, sociedade agrário-patriarcal.</p>	<p>Resumo: A história se passa entre dois períodos de seca, 1898 e 1915. Valentim Pereira, sua filha Soledade e seu afilhado Pirunga deixam a fazenda do Bondó e chegam ao engenho Margazão, de propriedade de DagobertoMarçau. Lúcio, seu filho, se interessa por Soledade, mas tem que partir para a cidade, onde estuda. Quando retorna ao engenho, encontra Valentim preso pelo assassinato do homem que teria seduzido sua filha. Pirunga, entretanto, descobre a verdade: quem realmente seduzira a moça fora Dagoberto e ela era prima de Lúcio. Ele então conta a verdade a seu padrinho. Pirunga provoca a morte de Dagoberto. Lúcio então herda a propriedade. Anos depois em 1915, Soledade já com a beleza desgastada volta a engenho para entregar a Lúcio seu filho que foi fruto do relacionamento com Dagoberto. Disponível em: www.maicongoncalves.com.br</p>

<p>Livro: <i>O Quinze</i> (1930)</p> <p>Autora: Raquel de Queiroz</p> <p>Temas abordados: Seca, miséria, migração, desigualdades sociais, relação campo - cidade.</p>	<p>Resumo: A obra “O Quinze” é dividida em dois planos principais, a relação entre Conceição e Vicente e a saga da família de Chico Bento, fugitivos dos efeitos da seca. O romance tem como cenário a região de Quixadá – CE, e em alguns momentos a cidade de Fortaleza onde mora Conceição e para onde migram os retirantes, locais estes bem conhecidos por Rachel de Queiroz. O livro faz menção também ao Norte do país, quando trata da extração da borracha e do desejo de Chico Bento de ali se estabelecer e da cidade de São Paulo, destino que toma, já no final do livro, a família de retirantes. Disponível em: www.estudioshistoricos.org.br</p>
<p>Livro: <i>Vidas Secas</i>* (1938)</p> <p>Autor: Graciliano Ramos</p> <p>Temas abordados: Seca, paisagem, relações de poder, miséria, migrações, autoritarismo, condição humana, relação homem-natureza.</p>	<p>Resumo: O livro retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca. Possui 13 capítulos que, por não terem uma linearidade temporal, podem ser lidos em qualquer ordem. Porém, o primeiro, "Mudança", e o último, "Fuga", devem ser lidos nessa seqüência, pois apresentam uma ligação que fecha um ciclo. "Mudança" narra as agústias da família sertaneja na caminhada impiedosa pela aridez da caatinga, enquanto que em "Fuga" os retirantes partem da fazenda para uma nova busca por condições mais favoráveis de vida. Assim, pode-se dizer que a miséria em que as personagens vivem em <i>Vidas Secas</i> representa um ciclo. Quando menos se espera, a situação se agrada e a família é obrigada a se mudar novamente. Disponível em: www.guiadoestudanteabril.com.br</p>

No decorrer dos acontecimentos históricos do país o sertão nordestino tornou-se o foco dessas abordagens pelas pressões sociais existentes e principalmente pelo fenômeno da seca que afetava a região. Tais enredos são costumeiramente tratados pela Geografia, surgindo assim à necessidade de se fazer uma reflexão sobre esses temas que direta ou indiretamente ainda estão presentes na realidade atual. O complexo geográfico nessas obras é abordado com uma grande riqueza de detalhes, próprio da corrente literária regionalista, as quais estão inseridas, trazendo grandes contribuições para o estudo da Geografia. Os romances regionalistas, enquanto manifestações literárias de representação do espaço tornam-se uma das ferramentas na construção da interdisciplinaridade entre Geografia e Literatura.

A seguir, faremos uma discussão acerca dos elementos geográficos que compõe a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Ressaltamos que utilizamos apenas da primeira parte de *Os Sertões: A terra*, que se constitui como um estudo geográfico escrito de maneira literária.

2. OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA



Figura 2: Euclides da Cunha retratado por M. Medina (1940)

Fonte: www.euclidesite.wordpress.com

Um exemplo da Geografia na Literatura é a obra literária *Os Sertões* de Euclides da Cunha¹³. Um misto de relato jornalístico, histórico e geográfico, esta obra é mais uma prova de que a ciência pode ser estudada por meio da arte. O espaço geográfico assume papel central nessa narrativa e o livro é resultado dos relatos de Euclides da Cunha sobre a Guerra de Canudos em 1897, no estado da Bahia. Além de se caracterizar como um romance regionalista, *Os Sertões* é uma obra que também apresenta uma perspectiva de cunho naturalista, muito bem representado por Euclides. Para Érico Veríssimo (1995, p. 92-93, apud ORTEGA; PELOGGIA, SANTOS; 2009 p. 111):

Os Sertões constitui-se um estudo sério e aprofundado do interior nordestino (em termos de fauna, flora, geografia, clima, geologia, e etnologia), associado a um relato “inusitadamente honesto e vigoroso” da campanha de Canudos. *Os Sertões* seria obra, ao mesmo tempo, de artista e de cientista, com efeito incomparável a de um meteoro luminoso cujo impacto “atordoou por um momento críticos, políticos, militares, artistas, literatos e leitores comuns”.

Inicialmente Euclides foi enviado pelo jornal *O Estado de São Paulo* para fazer a cobertura do conflito liderado por Antônio Conselheiro que ocorria no arraial de Canudos em 1897. Durante dois meses de observação, Euclides colhe informações sobre a geografia da região, as características do homem sertanejo e a luta travada nesse espaço nas quais viria a publicar um artigo intitulado *Canudos- Diário de uma Expedição*, considerado a matriz da

¹³Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Cantagalo (RJ), no dia 20 de janeiro de 1866. Foi escritor, professor, sociólogo, repórter jornalístico e engenheiro, tendo se tornado famoso internacionalmente por sua obra-prima, “Os Sertões”, que retrata a Guerra dos Canudos. Disponível em: www.releituras.com.

obra *Os Sertões*. Foram anos de estudo sobre os mais variados temas das ciências naturais, Geografia e História brasileira até o autor lançar o livro completo no ano de 1902. “*Os Sertões* nasceram como história da campanha de Canudos – é o que nos diz Euclides na ‘Nota Preliminar’ do livro. O escritor que anotara com minúcias de repórter, resolveu dar à longa narração o caráter de exemplo de tendências conflituosas da nossa realidade” (BOSI, 1975, p. 12).

Antonio Candido (2004, apud ORTEGA; PELOGGIA; SANTOS, 2009, p. 111), lembra que *Os Sertões* têm como tema a luta entre grupos rurais nordestinos, guiados por um líder messiânico e tropas do governo. Baseando-se no que viu e pesquisou durante a guerra, Euclides compõe um livro em que os temas sociais, históricos, políticos e antropológicos do Brasil são evidenciados, tendo como palco de conflitos o sertão. Publicada em 1902, *Os Sertões* se tornou um clássico da literatura nacional, ganhando destaque entre os críticos da época por apresentar de forma pioneira em seu enredo a realidade do nordeste brasileiro retratado com fidelidade na obra. Isso atribuiu a Euclides uma característica peculiar, que é ter se tornado um escritor capaz de reunir ciência e arte literária. Sobre essa obra Alfredo Bosi (1994, p. 309, apud HAIDUKE, 2008, p. 25) afirma:

[...] o carioca Euclides da Cunha descreveu o trágico encontro entre o Brasil moderno da época positivista (os militares e o governo republicano) em confronto com o “Homem da Terra”, o sertanejo, sendo invadido por este mundo moderno. Euclides faz uma literatura que mescla o científico e o histórico, e em seu livro há muito de geografia humana e sociologia.

O livro é dividido em três partes: *A Terra*, onde o escritor estuda cientificamente o meio natural; *O Homem*, onde mostra a miscigenação racial e as condições geográficas que influenciam no surgimento de outras raças (discurso determinista); e *A Luta*, que mostra os conflitos travados na Guerra de Canudos. A primeira tem um apurado sentido geográfico e para compor o nosso trabalho é a que mais nos interessa, nos remetendo a trabalhá-la baseando-se nos aspectos da Geografia Física, por apresentar uma vasta descrição de paisagens. A importância dada à geografia do local será reforçada também nas duas outras partes da obra, porém, utilizaremos apenas da primeira parte para apresentarmos as nossas questões colocadas, pois se trata de um estudo geográfico onde o autor descreve minuciosamente a paisagem do sertão nordestino.

Esse estudo foi feito por meio de análises climáticas, geomorfologias e biológicas da região sertaneja, mostrando como o meio físico determina a formação do Homem. Euclides da Cunha é conhecido por apresentar um olhar científico em suas obras e foi a partir disso que descreveu geograficamente a paisagem do sertão. Para Riccardo Greco (2009, p. 312) “embora Euclides da Cunha descreva as numerosas espécies que constituem a flora do sertão com a perícia de um botânico, é ao sertanejo que são dedicadas as páginas mais intensas”. Esse conjunto geográfico encontrado na obra traduz as características dessa ciência e mostra que o autor também guardava um forte apreço pela Geografia, pois no próprio livro apresenta um subtítulo do primeiro capítulo como “Um sonho de geólogo” (CUNHA, 1975, p. 42). De acordo com Farias (2011, p. 92):

Com *Os Sertões* a geografia aprende não apenas sobre um espaço chamado sertão, mas como esse espaço é escrito e compreendido. *Os Sertões* poderiam ser apenas classificados como um estudo acerca do sertão. No entanto, é uma obra literária digna de todas as maestrias que a literatura possui. Porém se diferencia em sua confecção lingüística porque promove o encontro entre duas linguagens: a poética literária e a linguagem de uso da ciência [...].

A ciência geográfica pode apropriar-se da obra de Euclides da Cunha na explicação do espaço a partir da sua totalidade. As temáticas trabalhadas por esse autor envolvem desde a caracterização do espaço natural, como também as relações sociais no espaço humano¹⁴. Sendo assim, a relação Homem-Natureza configura um dos temas geográficos mais notáveis no texto euclidiano. Ele estuda de maneira detalhada como o meio determinou a formação do Homem sertanejo, considerando-o membro do mesmo sistema. Para tanto, o escritor pautou-se na teoria determinista do naturalista francês Hippolyte Taine, defensor da ideia de que o comportamento humano é influenciado pelo meio, raça e momento histórico.

Para compor o nosso trabalho utilizaremos o *meio natural* descrito por Euclides da Cunha na primeira parte da obra. Seleccionamos alguns fragmentos (parte I) que mostram elementos geográficos como o relevo, hidrografia, clima e vegetação, que servem como exemplos para mostrarmos a Geografia descrita pelo escritor. O meio físico é um dos principais personagens da obra e não constitui apenas um pano de fundo da narrativa. O autor

¹⁴ Para Alfredo Bosi (1990, p. 304, apud ORTEGA, PELOGGIA, SANTOS, 2009, p. 110), Euclides da Cunha (1866-1909) faz parte de um conjunto de autores que tematizam as oposições entre campo/cidade, branco/mestiço, rico/pobre, cosmopolita/brasileiro, imigrante/nacional.

vai além de compilações de medições e estatísticas, focalizando o sertão baiano como uma entidade viva que sofre ações e ao mesmo tempo as realiza (SHÄFER, 2001).

2.1 A Terra: elementos geográficos da obra

“É uma viagem rumo ao desconhecido, que Euclides caracterizou como Terra Ignota, pela escassez de dados e estudos sobre o sertão baiano” (SHÄFER, 2001, p. 55).

Em *Os sertões*, a natureza compõe a primeira parte da obra, intitulada *A terra*, onde o autor seguindo os princípios positivistas descreve de maneira minuciosa as características do meio sertanejo. Por meio da Literatura, analisa a constituição geográfica brasileira e especialmente da região de Canudos, onde se passa a história do livro. Esta parte é subdividida em cinco subtítulos onde são descritos a geologia, o relevo, o clima e a vegetação. No caso da geologia, inicia suas descrições partindo do espaço geral para o particular, pois caracteriza primeiramente o planalto central brasileiro e depois o sertão da Bahia. Para tanto, apresenta um mapa geológico (figura 3) do Estado da Bahia, que se constitui como um esboço para as descrições geográficas feitas na obra.

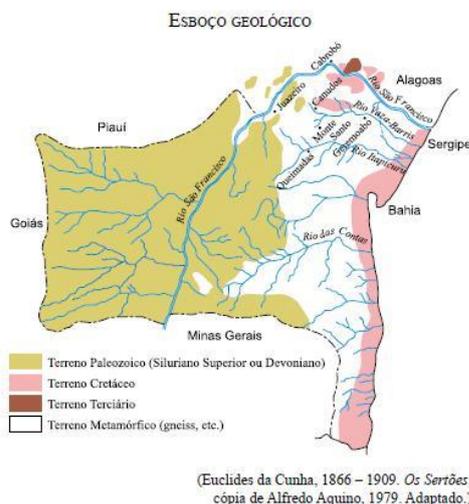


Figura 3: Esboço geológico do Estado da Bahia

Fonte: www.geografiaparatodos.com.br

Nesse livro, Euclides da Cunha além de escritor, torna-se também um guia na narrativa, descrevendo as paisagens e narrando os espaços onde a trama se define. Quando se trata da descrição geográfica dos lugares por onde passa, não poupa detalhes. Em sua viagem

rumo ao sertão de Canudos, o escritor inicia uma série de descrições sobre a rota ao qual está traçando, partindo do planalto central, depois descendo ao sul e por fim seguindo ao norte, aonde chegará ao seu destino final que é o sertão do estado da Bahia: “O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba-a os mares; e destaca-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande as Minas” (CUNHA, p. 33). Neste fragmento verificamos que o autor apresenta a variação morfológica brasileira de forma clara e se utiliza de uma linguagem mais científica para descrevê-la, como por exemplo, quando descreve o planalto central com suas diferentes formas: escarpas inteiriças, altas e abruptas, chapadões nivelados.

Ao traçar a rota do sudeste, partindo do litoral em direção ao sertão, o autor com um olhar científico, conduz o leitor por um percurso descritivo com diferentes paisagens. A morfogenia do maciço continental é delineada da seguinte forma:

Seguindo para o norte, observa notáveis mudanças de relevos: a princípio o traço contínuo e dominante de montanhas, precintando-o, com destaque saliente, sobre a linha projetante das praias; depois, no segmento de orla marítima entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, um aparelho litoral revolto, feito da envergadura desarticulada das serras [...], transposto o 15º paralelo, a atenuação de todos os acidentes – serranias que se arredondam e suavizam as linhas dos taludes, fracionadas em morros de encostas indistintas no horizonte que se amplia; até que em plena faixa costeira da Bahia, o olhar, livre dos anteparos de serras que até lá o repulsam e abreviam, se dilata em cheio para o ocidente, mergulhando no âmago da terra amplíssima lentamente emergindo num ondear longínquo de chapadas (p. 33).

O escritor representa o espaço de uma maneira que nos dá a ideia de uma natureza em movimento, quando declara: “Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo em que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior” (p. 33). A partir disso, o leitor pode observar que à medida que o autor segue sua rota e se afasta do seu ponto de partida, o relevo vai gradativamente diminuindo sua extensão e conseqüentemente modificando a paisagem vista por ele. Isso resulta da visão humana ser restrita a distância, ou seja, quanto mais perto de um objeto, maior o campo de visão e quando nos afastamos diminuímos essa capacidade de vê-lo. Até neste sentido Euclides da Cunha teve o cuidado de saber descrever o que seus olhos viam, permitindo que o leitor também participe subjetivamente dessa viagem.

Com relação à geologia o escritor utiliza-se de expressões tipicamente geográficas na explicação desse processo:

[...] as erosões constantes quebram, porém, a continuidade destes estrados que ademais, noutros pontos, desaparecem sob as formações calcárias. Mas o conjunto pouco se transmuda. A feição ruiforme destas casa-se bem a dos outros acidentes. E nos trechos em que elas se estiram planas, pelo solo, desabrigadas de todo ante a acidez corrosiva dos aguaceiros tempestuosos [...] (p. 41).

Em *Um sonho de geólogo* Euclides da Cunha busca explicar a gênese geológica do Brasil e do Estado da Bahia, partindo de pesquisas de outros estudiosos:

As pesquisas de Fred. Hartt, de fato, estabelecem nas terras circunjacentes a Paulo Afonso, a existência de inegáveis bacias cretáceas; e sendo os fósseis que a definem idênticos aos encontrados no Peru e México, e contemporâneos dos que Agassiz descobriu no Panamá- todos estes elementos se acolchetam no deduzir-se que vasto oceano cretáceo rolou as suas ondas sobre as terras fronteiras das duas Américas, ligando o Atlântico ao Pacífico. Cobria assim, grande parte dos Estados setentrionais brasileiros, indo bater contra terraços superiores dos planaltos, onde extensos depósitos sedimentários denunciam idade mais antiga, o paleozóico médio (p. 42).

Quando adentra no sertão da Bahia, Euclides oferece uma visão panorâmica do espaço constitutivo da obra, fazendo um estudo sobre a região. Podemos verificar como o mesmo descreve a rede hidrográfica dessa região que, na sua perspectiva, marca a passagem do litoral para o sertão:

Demarca-o de uma banda, abrangendo dois quadrantes, em semicírculo, o rio de S. Francisco: e de outra, encurvando também para sudeste, numa normal a direção primitiva, o curso flexuoso do Itapicuru-açu. Segundo a mediana, correndo quase paralelo entre aqueles, com o mesmo descambar expressivo para a costa, vê-se o traço de outro rio, o Vaza-Barris, o Irapiranga dos tapuias, cujo trecho de Jeremoabo para as cabeceiras é uma fantasia de cartógrafo (p. 37).

Noutros fragmentos o autor faz uma caracterização geográfica dessa rede hidrográfica: “o próprio Vaza-Barris, rio sem nascentes em cujo leito viçam gramíneas e pastam rebanhos, não teria o traçado atual se corrente perene lhe assegurasse um perfil de equilíbrio, através de esforço contínuo e longo. A sua função como agente geológico é revolucionária” (p. 44). O

Rio Vaza-Barris nasce na cidade de Monte Santo próximo a Canudos no estado da Bahia, atravessa o Estado de Sergipe de oeste a leste e deságua no Oceano Atlântico. O trecho baiano deste rio encontra-se inserido numa região de clima semi-árido e em consequência dessa condição climática, apresenta um regime intermitente, transbordando na época das chuvas e desaparecendo nas secas. Apenas no trecho que corta o Estado de Sergipe é que esse rio torna-se perene.

Euclides também apresenta as características hidrológicas de uma drenagem superficial controlada pela distribuição das chuvas. A drenagem nos rios citados por ele é deficiente, por isso quando há chuvas excessivas eles enchem e com o passar do tempo secam novamente.

[...] o Bendegó e Caraíbas, volvendo águas transitórias, dentro dos leitos rudemente escavados, não traduzem as depressões o solo. Têm a existência fugitiva das estações chuvosas. São antes canais de esgotamento [...] que estão em desarmonia com as disposições orográficas gerais. São rios que sobem. Enchem-se de súbito; transbordam; reprofundam os leitos, anulando o obstáculo do declive geral do solo; rolam por alguns dias para o rio principal; e desaparecem, volvendo ao primitivo aspecto de valos em torcicolos cheios de pedras, e secos (p. 44).

O clima é apresentado pelo escritor de forma detalhada, apontando a temperatura, umidade e circulação do ar. Considera que este aspecto é instável, com dias quentes e noites geladas: “desce a noite [...] e todo o calor se perde no espaço numa irradiação intensíssima, caindo à temperatura de súbito, numa queda assombrosa” (p. 47). Para o escritor o clima da região é divergente, variando de acordo com as disposições topográficas.

O de Monte Santo, por exemplo, que é ao primeiro comparar, muito superior ao de Queimadas, diverge do dos lugares que lhe demoram ao norte, sem a continuidade que era lícito prever de sua situação intermediária. A proximidade das massas montanhosas a torna-o estável, lembrando um regímen marítimo em pleno continente: escala térmica oscilando em amplitudes insignificantes; firmamento onde a transparência dos ares é completa e a limpidez inalterável; e ventos reinantes [...] (p. 46).

Embora o escritor seja frequentemente associado ao movimento literário pré-modernista, *Os Sertões* traz em sua narrativa uma crítica a realidade brasileira, podendo ser associada ao naturalismo do final do século XIX. Esse movimento literário apresenta como principal característica uma forte ligação com o cientificismo positivista de August Comte,

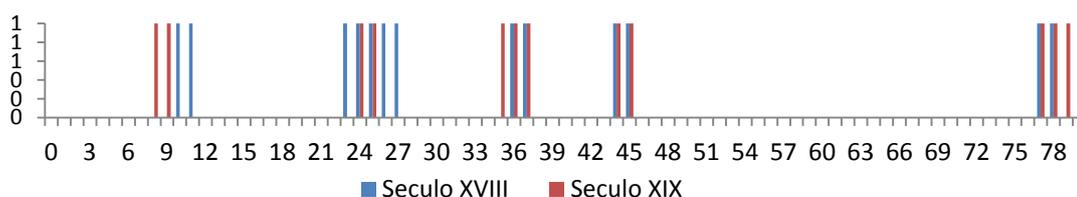
além de apontar que os fatores sociais poderiam ser explicados a partir das forças naturais. Podemos observar essa afirmação na obra, a partir da descrição da seca no sertão, onde o escritor aponta que esse fenômeno justificaria o impedimento da formação de uma civilização moderna. A natureza influencia assim na formação psicológica do Homem sertanejo.

Ainda sobre as secas, o autor afirma que as mesmas são cíclicas e assolam a região: “ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas; esterilizam-se os ares urentes; empedra-se o chão, gretando, recrestado; ruge o Nordeste nos ermos; e, como um cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos” (p. 53). Além disso, detalha estatisticamente os anos antecedentes mais significativos deste fenômeno para tentar explicá-lo:

Assim, para citarmos apenas as maiores, as secas de 1710-1711, 1723-1727, 1736-1737, 1744-1745, 1777-1778, do século XVIII, se justapõem as de 1808-1809, 1824-1825, 1835-1837, 1844-1845, 1877-1879, do atual [...]. De fato, sendo, no século passado, o maior interregno de 32 anos (1745-1777), houve no nosso outro absolutamente igual e, o que é sobremaneira notável, com correspondência exatíssima das datas (1845-1877) (p. 49).

Esses dados estatísticos indicam uma ciclicidade na ocorrência das secas no nordeste brasileiro (gráfico 1). A partir da descrição dos dados estatísticos, Euclides busca basear-se no aparato científico para encontrar uma possível explicação para o fenômeno da seca, chegando à conclusão que “um dos motivos das secas repousa, assim, na disposição topográfica” (p. 51), pois as correntes de ar que circulam sobre a região sofrem influências diretas das formas de relevo que a compõem. Essa argumentação busca explicar a influência do relevo como barreira a entrada das correntes de ar provenientes do litoral para o interior, impedindo assim a ocorrência de chuvas regulares.

Gráfico 1. Linha do Tempo – Eventos históricos de secas



Atualmente, a Climatologia Dinâmica considera outros fatores, além do relevo, para explicar a ciclicidade ou ritmicidade das secas e de outros fenômenos. Estes fatores são dinâmicos como as pulsões das massas de ar, das correntes marinhas e, numa escala cosmológica, a atividade solar. De qualquer modo, a percepção de Euclides demonstra sua mente perspicaz. Como se desenvolvem em ciclos, as secas minimizam-se com a chegada da estação chuvosa e nesse intervalo o autor também caracteriza o sertão modificado pela ação das chuvas: “as bâtegas de chuva tombam, grossas, espaçadamente, sobre o chão, adunando-se logo em aguaceiro diluviano [...]. E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto. Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurgue triunfalmente a flora tropical” (p. 51). Neste fragmento o autor assinala sua surpresa ao ver a mudança da paisagem sertaneja no período chuvoso, onde antes era uma terra inóspita conseqüente do clima semi-árido, agora se tornara uma paisagem deslumbrante. Resumindo este ciclo Euclides afirma que “a natureza compraz-se em um jogo de antíteses”.

Sobre a vegetação, Euclides caracteriza a caatinga, uma formação típica do semi-árido nordestino: “árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortuosa, a flora agonizante” (p. 52). A caatinga é um tipo de vegetação resistente a estação seca, que na estação chuvosa ressurgue verde e com flores exuberantes. Além de caracterizar essa vegetação o escritor apresenta as suas variações morfológicas destacando a presença de uma espécie de cactácea:

Então sobre a natureza morta, apenas se alteiam os cereus esguios e silentes, aprumando os caules circulares repartidos em colunas poliédricas e uniformes, na simetria impecável de enormes candelabros [...]. Os mandacarus (cereus jaramacaru) atingindo notável altura, raro aparecendo em grupos, assomando isolados acima da vegetação caótica, são novidade atraente a princípio (p. 55).

Cereus é um gênero botânico da família das *cactaceae*, comum no nordeste brasileiro. São plantas que desenvolveram adaptações para sobreviver em ambientes áridos ou semi-áridos, onde o fator limitante é a água, podendo armazená-la em seus tecidos. “A caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos [...]. Mas, reduzidas todas as funções, a planta, estivando, em vida latente, alimenta-se das reservas que armazena nas quadras remansadas e rompe os estios” (p. 53). Neste fragmento o autor mostra como a caatinga está disposta sobre a terra árida do sertão, enfatizando o modo que essa planta sobrevive em meio à falta de chuvas e de onde ela retira os nutrientes para sua sobrevivência.

As espécies pertencentes ao gênero *Cereus* possuem hastes eretas, geralmente ramificadas, altas e colunares, havendo exceção apenas para o *Cereus pachyrhizus*. Algumas espécies de *Cereus jamacaru* são popularmente conhecidas como mandacarus (citado no fragmento acima). Constituem um cacto colunar que apresenta variedades com e sem espinhos (figuras 4 e 5).



Figura 4: Mandacaru com espinhos
Fonte: <http://fatosefotosdacaatinga.blogspot.com>



Figura 5: Mandacaru sem espinhos
Fonte: <http://durvalinacoelho.blogspot.com.br>

Por meio deste estudo, Euclides da Cunha nos apresenta o sertão e suas características físicas. Além de utilizar-se da linguagem literária para construir sua narrativa, o autor também se utiliza da linguagem científica que é defendida por muitos estudiosos do campo geográfico. A obra nos serve como subsídio e um elemento comparativo para as reflexões sobre as relações entre Geografia e Literatura. “*Os Sertões* ensinam a Geografia que não basta apenas quantificar e qualificar as formas espaciais é preciso ligá-las ao processo que as cria, para assim tecer uma leitura multifacetada do espaço” (FARIAS, 2011, p. 75). Faremos adiante, uma análise mais detalhada de uma obra literária, apresentando *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Neste caso, utilizamos da obra completa para as análises.

3. AS VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS



Figura 6: Graciliano Ramos retratado pelo pintor Candido Portinari¹⁵

Fonte: www.artefatocultural.com.br

Autor de diversas obras consagradas, Graciliano Ramos é considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira. Filho de comerciante, esse alagoano da cidade de Quebrângulo nasceu em 27 de outubro de 1892 e residiu em cidades do interior dos Estados de Alagoas e também de Pernambuco. Fez estudos secundários em Maceió, mas não cursou nenhuma faculdade. Em breve estadia no Rio de Janeiro trabalhou como revisor do Jornal Correio da Manhã e da Terra (1914). Em 1933 iniciou sua carreira como escritor¹⁶ ao lançar seu primeiro romance *Caetés*, e no ano seguinte publicou *São Bernardo* (1934), surpreendendo seus leitores por apresentar um maior valor estilístico. No ano de 1936 lançou a obra *Angústia*, que o insere na posição dos mais importantes romancistas brasileiros.

Ainda na década de 1930, é preso em Maceió e levado para Rio de Janeiro, acusado de subversão comunista. Durante esse período o escritor sofreu diversas privações que abalaram sua saúde. Graciliano aproveita dessa experiência na prisão para lançar mais tarde (1953) o livro *Memórias do Cárcere*, que é o depoimento desse período, no qual denunciou os arbítrios da ditadura de Getúlio Vargas. Além dos romances, o escritor também buscou atingir o público infanto-juvenil escrevendo o livro *A terra dos meninos pelados* no ano de 1937. O

¹⁵Candido Torquato Portinari foi um dos maiores nomes da pintura brasileira, alcançando fama internacional pela qualidade e pela temática social de suas obras, que retratam principalmente a vida rural brasileira, a tragédia das migrações nordestinas e o trabalho árduo nos portos. Assim como as obras literárias de Graciliano Ramos, as pinturas de Portinari também faziam uma crítica social à realidade do país.

¹⁶**1933: Caetés** (romance); **1934: São Bernardo** (romance); **1936: Angústia** (romance); **1938: Vidas Secas** (romance); **1939: A Terra dos Meninos Pelados** (conto infanto-juvenil); **1942: Brandão Entre o Mar e o Amor** (romance); **1944: Histórias de Alexandre** (contos do folclore infanto-juvenil); **1945: Infância** (memórias); **1946: Histórias Incompletas** (contos); **1947: Insônia** (contos); **1953: Memórias do Cárcere** (memórias - 2 volumes); **1954: Viagem** (crônicas); **1962: Linhas Tortas** (crônicas); **1962: Videntes das Alagoas** (quadros e costumes do Nordeste); **1962: Alexandre e outros Heróis** (contos e outros); **1980: Cartas** (correspondência); **1984: O Estribo de Prata** (infantil); **1992: Cartas a Heloísa** (correspondência).

Fonte: *Graciliano Ramos – Site Oficial* www.graciliano.com.br

auge de sua carreira viria no ano seguinte com a publicação do romance, *Vidas Secas* em 1938, onde retrata a vida de uma família de retirantes no nordeste brasileiro, cujos membros sofrem com a estiagem e lutam pela sobrevivência contra a exploração e opressão latifundiária da época. O que interessa a Graciliano em suas obras é o drama social e psicológico que influencia a personalidade do Homem, anulando sua dignidade.

As questões políticas, os dramas urbanos, a opressão e animalização do ser humano, a miséria, a desigualdade social, são alguns exemplos de temas encontrados nas obras de Graciliano. Muitos críticos literários consideram suas obras claras e objetivas, por se aproximarem da realidade vivenciada pela sociedade. Para tanto, esse escritor busca representar em seus enredos experiências que ele mesmo vivenciou, tornando assim além de trama literária, um trabalho documental. Participou da fase do Romance Regionalista do Brasil, que ocorreu, sobretudo na década de 1930, cuja produção literária nessa época, como já apontamos, estava voltada principalmente para as obras que abordavam a região Nordeste. Os romancistas de 30 caracterizavam-se por adotarem uma visão crítica das relações sociais, enfatizando como o Homem poderia ser hostilizado pelas condições do meio em que vivia. Sobre Graciliano, Coutinho (2000, apud SANTOS, 2004, p. 135) afirma:

A obra de Graciliano Ramos, em particular, revela esse esforço ao demonstrar como as estruturas do contexto social específico do Brasil já haviam esgotado as potencialidades da economia pré-capitalista, mas sem conseguir promover qualquer renovação mais significativa, fosse na economia, fosse nas relações sociais. E o nordeste apenas pintava, com cores mais fortes, a crise colonial por que passava todo o país.

A sociedade brasileira, na década de 1930, passava por um momento de crise principalmente nas questões referentes às desigualdades sociais, ao descaso do poder público aos direitos dos cidadãos, a opressão militar, além da exploração latifundiária na qual uma parte da população era submetida. Esse contexto histórico pode ser observado claramente em *Vidas Secas*, que apresenta um meio de reflexão ao verbalizar o sofrimento de um povo submetido a condições climáticas desfavoráveis e a condições sociais de intensas disparidades. Tais contrastes sócio-espaciais influenciam diretamente na condição humana, nos modos de ser e de agir do Homem sertanejo.

A família sertaneja retratada é vítima de forças naturais incontroláveis representadas pela seca. No caso deste romance não há descrições longas deste fenômeno, pois o escritor buscou especificar o reflexo das condições naturais na interioridade dos personagens, mostrando ou seus sofrimentos diante da aridez do sertão, os caminhos que percorrem até

encontrar um lugar para fazer de moradia, a maneira que lidam com a fome e a escassez de água, além do autoritarismo e humilhação por parte dos governantes da época. A obra regionalista nordestina tecida por Graciliano Ramos adquire notadamente uma posição social e crítica do sofrimento humano com relação a seca e também as relações sociais.

Escrito durante os anos de 1937 e 1938, *Vidas Secas* é considerada a obra prima de Graciliano Ramos¹⁷. Dividida em 13 capítulos, a obra foi construída em quadros que podem ser lidos aleatoriamente, por serem independentes e não se articulam formalmente. O escritor aborda as injustiças sociais sofridas pelos personagens e principalmente a maneira como sobrevivem perante as condições naturais desfavoráveis sob as quais colocam em risco suas vidas. Uma família sertaneja, constituída pelo vaqueiro Fabiano (pai), Sinhá Vitória (mãe), os dois filhos que não tem nomes definidos, apenas chamados de Menino Mais Velho e Menino Mais Novo, e a cachorra Baleia.

Além desses personagens principais, a obra apresenta personagens secundários que ajudam o desenvolvimento da trama, que são: Seu Tomás da Bolandeira, o Proprietário da Fazenda, o Soldado Amarelo (apelidado por Fabiano), e o Fiscal da Prefeitura. Graciliano Ramos dedicou um capítulo da obra a cada um dos personagens principais. Para Alfred Bosi (2006), esta obra proporciona ao leitor a construção de um universo mental a partir das angústias de vida de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar, ou seja, o Dono da Fazenda, o Soldado Amarelo e o Fiscal da Prefeitura.

Podemos observar a riqueza de detalhes das paisagens e dos símbolos descritos no enredo, que proporcionam ao leitor inserir a história de *Vidas Secas* numa realidade mais próxima da sua. São mostradas as angústias dos personagens com relação a sua condição social, e a forma pela qual as mudanças no meio natural afetam a realidade social do ser humano. Para Moreira (2010, p.145), a seca condiciona o sertanejo a viver num lugar onde os fatores climáticos se sobrepõem a realidade social:

¹⁷ Todos os seus livros foram escritos no período da manhã. Graciliano acordava muito cedo, entre 4 e 5 horas da manhã, e logo começava a escrever. Ele escreveu toda sua obra a mão, usando qualquer tipo de papel. A obra memórias do cárcere, por exemplo, foi escrita em 448 folhas de diferentes tamanhos.

A minudência da descrição paisagística do sertão mortificado é o relato da interioridade seca e desolada do espírito de um povo sem perspectivas de boas safras de vida. Da angústia ao ódio e às esperanças, o estado subjetivo dos homens desesperançados une-se aos detalhes externos de uma natureza emudecida pela seca e pela morte da vida.

O fenômeno passa a ser interiorizado pelo Homem, e não só altera a configuração visual da paisagem do sertão, como também modifica o ser humano embrutecendo corações e mentes. Diante da situação de extrema pobreza as esperanças de mudar de vida são baseadas nas variáveis dos fenômenos climáticos, fator de condicionamento que independe da sua vontade.

Assim como na Literatura, o discurso da *seca* foi abordado por outras vertentes artísticas no contexto nacional. Encontramos no meio musical, por exemplo, canções que apresentam a seca como tema central. Neste caso, temos como principal representante o cantor e compositor Luiz Gonzaga, conhecido como o Reio do Baião. “A música sertaneja gonzagueana, bem como a literatura regionalista, assumiu e cumpriu a missão de transfigurar a realidade do sertão nordestino, divulgando o drama das secas, em nível nacional, numa perspectiva que nacionaliza ou mesmo universaliza os conflitos humanos” (CORRÊA; FILHO; FEITOSA, 2012). O semi-árido brasileiro foi retratado fielmente nas canções de Gonzaga, deixando um rico acervo musical que pode ser utilizado pela Geografia.

A descrição da paisagem sertaneja, a saga dos retirantes, o drama daqueles tangidos pela seca, constituem alguns dos temas das músicas. A canção *Asa Branca*, mostra a migração do sertanejo por causa da falta da chuva, evidenciando a sua tristeza em deixar sua terra. Mesmo longe o homem revive as lembranças de sua origem, com a esperança da volta das chuvas, que aparece na canção *A Volta da Asa Branca*, apresentando o retorno do retirante sertanejo para sua terra natal. Nesta canção, a seca aparece como o problema que motiva a migração da região nordeste, e a paisagem, que antes era mortificada pelo clima do sertão, agora se modifica tornando-se um lugar apto para morar.

Quadro 2: Canções do cantor Luiz Gonzaga que retratam a *seca*

<p><i>Asa Branca</i></p> <p><i>Quando "oiei" a terra ardendo Qual a fogueira de São João Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação</i></p> <p><i>Que braseiro, que fornaia Nem um pé de "prantação" Por farta d'água perdi meu gado Morreu de sede meu alazão Por farta d'água perdi meu gado Morreu de sede meu alazão</i></p> <p><i>Inté mesmo a asa branca Bateu asas do sertão "Intonce" eu disse, adeus Rosinha Guarda contigo meu coração "Intonce" eu disse, adeus Rosinha Guarda contigo meu coração</i></p> <p><i>Hoje longe, muitas légua Numa triste solidão Espero a chuva cair de novo Pra mim vortar pro meu sertão Espero a chuva cair de novo Pra mim vortar pro meu sertão</i></p> <p><i>(GONZAGA; TEIXEIRA, 1947)</i></p>	<p><i>A Volta da Asa Branca</i></p> <p><i>Já faz três noites Que pro norte relampeia A asa branca Ouvindo o ronco do trovão Já bateu asas E voltou pro meu sertão Ai, ai eu vou me embora Vou cuidar da prantação</i></p> <p><i>A seca fez eu desertar da minha terra Mas felizmente Deus agora se alembrou De mandar chuva Pr'esse sertão sofredor Sertão das muié séria Dos homes trabaiador</i></p> <p><i>Rios correndo As cachoeira tão zoando Terra moiada Mato verde, que riqueza E a asa branca Tarde canta, que beleza Ai, ai, o povo alegre Mais alegre a natureza [...]</i></p> <p><i>(GONZAGA; DANTAS, 1950)</i></p>
--	--

Loiola, Monteiro e Guerra (2009) apontam que a geofricidade do Nordeste cantada por Luiz Gonzaga se reflete no lugar, na paisagem e no povo da região, isto porque, ninguém como ele, soube unir o espaço geográfico e a vivência de um povo, ao que salientamos a forma acessível das composições ao se adotar o linguajar popular sem perder a qualidade artística. As composições que retratam um Nordeste que se mantém presente na memória dos que nele ainda vivem ou partiram, emigrando em busca de melhores condições frente à desolação da seca. Podemos fazer uma relação das músicas de Luiz Gonzaga com a obra de Graciliano, pois tanto o cantor, quanto o escritor caracterizam-se por abordar a temática do

sertão e a vida dos nordestinos. Assim como em *Vidas Secas*, a música *Asa Branca* conta a história da migração de retirantes devido ao longo período de estiagem. *A volta da Asa branca* também se relaciona com o livro, pois neste caso, o retorno da chuva emerge a esperança do sertanejo de dias melhores em meio a uma natureza hostil. Deste modo, não poderíamos deixar de lembrar-se da contribuição de Luiz Gonzaga na construção do imaginário sobre o sertão e a seca, no Nordeste brasileiro, que assim como a Literatura muito tem a contribuir na expansão do conhecimento geográfico.

Acreditamos ser de grande importância ressaltar, já que apontamos a arte literária em conjunto com a arte musical, que a obra *Vidas Secas* também foi adaptada para a versão cinematográfica. Dirigido pelo cineasta Nelson Pereira dos Santos, o filme foi gravado entre os anos de 1962 e 1963, em Palmeira dos Índios, interior de Alagoas, onde Graciliano Ramos viveu e exerceu o cargo de prefeito durante os anos de 1927 a 1930. Essa obra cinematográfica foi considerada um dos marcos do movimento Cinema Novo no Brasil, que se caracterizava por abordar o contexto social do país, marcado pelo subdesenvolvimento. Na estética deste Cinema havia o predomínio dos deslocamentos lentos da câmera. Os ambientes onde se passavam a história eram desprovidos de luxo, e muitos dos filmes foram gravados em preto e branco. Os anos de 1960 a 1964 referem-se à primeira etapa dessa escola, e o Nordeste foi utilizado como temática para alguns cineastas, que abordavam o sertão e os problemas que o afetavam.



Figura 7: Cena do filme *Vidas Secas* de Nelson Pereira

Fonte: www.anovademocracia.com.br

Uma característica peculiar do filme é o elenco que atua no mesmo, sendo constituído por pessoas que residiam no local, tornando-o ainda mais próximo da realidade. Assim como

na versão literária, no filme há pouquíssimos diálogos entre os personagens e a paisagem mostrada em película preta e branca, apresenta visualmente os efeitos da seca sobre o sertão e principalmente as angústias dos retirantes. Muitos críticos consideram o filme como uma das melhores adaptações de um roteiro literário para o cinema, além de ser considerado um complemento a obra escrita de Graciliano.

Retornando a nossa reflexão para a Literatura, na obra *Vidas Secas*, o escritor utilizou-se do discurso indireto livre, revelando a interioridade dos personagens, e desenvolveu a narrativa em terceira pessoa. Isso pode ser observado no momento em que as falas dos personagens são alternadas com as falas do narrador¹⁸. Essa foi uma maneira na qual o escritor encontrou de inserir a voz dos personagens, em poucas palavras, permitindo ao leitor associá-la as condições enfrentadas. O jeito bruto dos personagens, principalmente do pai Fabiano em relação aos filhos, pôde ser observado em frases inseridas no decorrer dos capítulos.

Hillas (2009) encontra nesse romance o princípio segundo o qual o Homem é fruto e produto do meio e neste tipo de discurso ficcional, os valores do espaço submetem os dos personagens, determinando-lhes o destino. Neste sentido, as relações existentes entre o Homem e a Natureza em *Vidas Secas* são provas de que, dependendo das condições de suas vidas, o ser humano pode ter sua personalidade moldada e seu comportamento transformado, gerando até situações de violência ou brutalidade.

Por meio dessa obra, Graciliano Ramos nos permite fazer uma viagem no tempo, pois o enredo de *Vidas Secas* traduz uma realidade que ainda é presente nos dias atuais. Afinal, a seca é um fenômeno natural que ocorre no Brasil ao longo dos séculos, e continua alterando a paisagem do sertão, afetando a vida da população residente. O cenário da obra é marcado por acontecimentos sócio-espaciais considerados de grande importância para a compreensão da realidade histórica do país. Além de apresentar uma narrativa ficcional, o escritor faz uma crítica social, retratando-a por meio das angústias de um povo, representadas em uma família de retirantes. A obra não se limita a retratar a vida precária dessa família, mas sim apresentar pessoas sem esperança de mudar de vida, submetidas à vontade dos superiores e aos caprichos de uma natureza hostil. De tal modo, o fio condutor da narrativa é a descrição da terra nordestina, das paisagens, dos costumes dos personagens, das relações humanas em sociedade, enfim, do espaço literário criado a partir da representação do espaço geográfico.

¹⁸ Cabe aqui ressaltar que esse foi o único livro de Graciliano no qual esse recurso foi utilizado.

3.1 Personagens da obra: caracterização



Figura 8: Personagens principais e secundários da obra

Fonte: www.turmad2012.wordpress.com

- **Fabiano**

“Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades” (p. 18).

Vaqueiro do sertão nordestino, Fabiano é trabalhador e humilde. Diante das condições miseráveis em que vive, Fabiano torna-se um homem bruto e rude, que ignorava as palavras e não sabia usá-las para se expressar. Na obra, o personagem se auto-sugestiona, afirmando ser bicho, como observamos no capítulo especialmente a ele destinado. Casado e pai de dois filhos, este homem busca em meio a uma natureza inóspita, pelas condições climáticas, uma melhor condição de vida para ele e sua família. Sujeito a opressão por parte dos superiores da época, sente-se diminuído e marginalizado numa sociedade em que o descaso social impera juntamente com as forças da natureza.

- **Sinhá Vitória**

“Só faltava uma cama. Era o que aperreava Sinhá Vitória”.

Mulher sonhadora, Sinhá Vitória almeja um destino melhor para a família. O desejo por uma “cama de lastro de couro” como a de Seu Tomás da Bolandeira representa a sua vontade de ser considerada cidadã. Diferente de Fabiano, Sinhá Vitória não aceita ser comparada com um animal. Reclama dos afazeres domésticos, é impaciente com os filhos. Tinha consciência que estavam na fazenda de passagem, pois a qualquer momento poderiam ser expulsos pelo patrão. Por ser mais astuta que o marido, ela que faz as contas do acerto com o patrão, para que não restem dúvidas a Fabiano, dele ter sido roubado pelo fazendeiro.

- **Os Meninos**

“Os meninos também se espantavam. No mundo, subitamente alargado viam Fabiano e Sinhá Vitória muito reduzidos, menores que as figuras altas” (p. 74).

Na trama, os filhos de Fabiano e Sinhá Vitória não têm nomes definidos sendo chamados apenas de Menino Mais Velho e Menino Mais Novo. As crianças são vítimas do anonimato social, pois a cadela possui um nome, que é pré-requisito formal de uma identidade. Tal fato representa a baixa condição econômica em que vivem, e a insignificância social dos meninos. Assim como os pais, as crianças não tiveram oportunidade de frequentar a escola, e por isso, o Menino Mais velho deseja saber o significado das palavras, sendo repreendido pela mãe por não saber responder suas perguntas. Já o Menino Mais Novo almeja ser um vaqueiro como o pai e mostrar toda a sua coragem montando num cavalo.

- **A cadela Baleia**

“Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás”.

Em *Vidas Secas*, a cadela Baleia é “humanizada” devido às condições em que a família vive sendo tratado informalmente como um ser humano. Situa-se na obra como uma protagonista pensante, apresentando uma mentalidade igual à família sertaneja. Assim os Homens e animais se igualam intelectualmente. Para Hillas (2009, p. 6) “a questão do processo de humanização da cadela Baleia é diametralmente contrária a animalização do Homem”. Neste sentido vemos que o Homem comparado com um bicho (animal) contesta a

realidade do ser humano, uma vez que desde o nascimento o indivíduo ostenta a capacidade de pensar, falar, agir e interagir com os seus semelhantes, diferenciando-se dos seres irracionais, ou seja, dos animais, por conviver numa sociedade capaz de modificar o espaço, transformando-o num meio social.

- **Seu Tomás da Bolandeira e o Dono da Fazenda**

“Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros [...]” (p. 22). “O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda” (p. 93).

Velho sábio que serve de exemplo para Fabiano e Sinhá Vitória por ser alfabetizado. A sabedoria de Seu Tomás inspirava respeito e Fabiano buscava imitar o seu vocabulário achando que assim melhoraria sua situação e não seria mais humilhado. Seu Tomás possuía uma cama de couro, tão desejada por Sinhá Vitória e que representaria o conforto para a família. Apesar de ser alfabetizado, Seu Tomás era um homem falido que também fugira dos castigos da seca. Fabiano e sua família encontram uma fazenda abandonada e decidem fazê-la de moradia. Com a volta das chuvas o Dono da Fazenda reaparece para tomar posse de suas terras e dá como trabalho para Fabiano, cuidar da mesma. Símbolo do poder econômico, o Dono da Fazenda era um homem opressor que constantemente humilhava Fabiano e ameaçava expulsar a família. Aproveita-se da ignorância do trabalhador para cobrar-lhe juros inexistentes e forçando-o a exercer um trabalho escravo.

- **O Soldado Amarelo e o Fiscal da Prefeitura**

“ Ora, o soldado amarelo... Sim, havia um amarelo, criatura desgraçada que ele, Fabiano, desmancharia com um tabefe” (p.30).

O Soldado Amarelo surge na trama como um policial arbitrário e que depois de uma discussão num jogo de cartas, leva Fabiano preso. Vê-se como o defensor do poder e faz tudo para manter a ordem e a lei, sendo a representação do poder instituído na obra. O Fiscal representa, juntamente com o Dono da Fazenda e o Soldado Amarelo, as instituições sociais em seus estágios menores, identificadas por Fabiano como o “governo”. Aqueles que possuíam alguma forma de poder numa sociedade cercada por desigualdades sociais,

impunham limites nas esperanças dos demais indivíduos, representados pelos sertanejos sofredores.

3.2 Atuação da seca na configuração do espaço sertanejo

O sertão nordestino tornou-se cenário de diferentes narrativas literárias e transformou-se em sinônimo de seca em consequência da condição climática da região. O imaginário construído em torno do Nordeste como uma região de seca e pobreza, deu-se principalmente durante o processo de desenvolvimento do país. Para Albuquerque Jr. (1999, apud ANDRADE, 2008), o Nordeste foi identificado primeiramente através dos seus problemas naturais, em especial a seca e em segundo plano, a partir dos problemas de ordem social como o cangaço e o messianismo. Esse ponto de vista tornou-se predominante no discurso nacional. O Nordeste e seu imaginário de região submissa foram representados nos diversos discursos, entre eles o discurso artístico. Para entendermos essa formação da identidade nordestina é necessário fazermos uma contextualização histórica e geográfica do Brasil ao longo dos anos.

Até meados do século XIX, o Brasil se dividia entre “Norte” e “Sul” e o Nordeste ainda não era reconhecido como região. Nesta época ocorreu um acentuado desenvolvimento econômico e social na região “Sul” do país que se tornou o espaço da indústria e do progresso nacional, enquanto a região “Norte” tornara-se um pólo menos desenvolvido, designado a seguir contraditoriamente o desenvolvimento da região “Sul”. O fato de o Nordeste ainda não ser reconhecido como região mudou entre os anos de 1877 e 1879, quando essa área enfrentou três anos consecutivos de estiagem, conhecidos como a “grande seca”, onde milhares de pessoas morreram de fome e muitas migraram para outras regiões. A seca tornou-se o fator determinante do reconhecimento nacional da região Nordeste contribuindo na formação do imaginário popular construído com relação a esse espaço no resto do país.

A seca é um fenômeno natural caracterizado pelo atraso ou ausência da precipitação no período próprio. É típica da região semiárida, se caracterizando pela distribuição irregular das chuvas, que prejudica o abastecimento de água para o uso da população e animais, além do desenvolvimento agrícola. Este problema não é exclusivo da região Nordeste, pois outras regiões também sofrem com os efeitos da seca, porém, em proporções menores. Para Santos e Matos (2012), a *seca* não tem uma definição que seja aceita em comum acordo por parte de pesquisadores e não há consenso entre a população de um modo geral.

Considerando o imaginário popular, o conceito de Seca também pode estar intimamente relacionado ao ponto de vista do observador. A definição de seca varia de acordo com a percepção de cada uma acerca da sua realidade, pois o que a *seca* significa para um pode não significar a mesma coisa para outra pessoa que tenha uma maneira diferente de olhar. No Nordeste brasileiro, por exemplo, a palavra Seca adquiriu uma conotação bem particular, estando intimamente relacionada à miséria, fome, migração, entre outros. Campos e Studart (2001) afirmam que, embora a causa primária das secas resida na insuficiência ou na irregularidade das precipitações pluviais, existe uma seqüência de causas e efeitos na qual o efeito mais próximo de uma seca torna-se a causa de outro efeito que também passa a ser denominado de *seca*.

O fenômeno da seca torna-se um ciclo na região Nordeste, pois a estiagem e ausência de água não só alteram as configurações naturais deste espaço, como também o meio social e humano. Os solos tornam-se improdutivos, a vegetação resistente limita-se a plantas adequadas a aridez do solo e as altas temperaturas da região. Os animais ficam dependentes dos poucos recursos disponíveis nessa área, ou dos quais os pequenos proprietários de terra os oferecem. O Homem do campo fica impossibilitado de exercer as principais atividades econômicas para sua sobrevivência que são: a agricultura e pecuária. Em tais condições o sertanejo via-se obrigado a abandonar sua região em busca de melhores condições de vida.

Conhecido por fazer críticas sociais nas suas obras, Graciliano Ramos apresenta em *Vidas Secas* uma espacialidade geográfica, a partir da problemática social, que é ressaltada no sofrimento do Homem com a seca e na situação de extrema miséria em quem vivem os personagens, além dos detalhes paisagísticos da obra. A falta de chuva somada a uma política de descaso do governo com os investimentos sociais marcam a paisagem sertaneja, caracterizando-a como um ambiente de difícil sobrevivência. A representação da realidade feita por este autor constitui-se como referencial para os estudos desenvolvidos no contexto geográfico. Josué de Castro, em seu livro *a Geografia da Fome* (1984, p. 177), ao correlacionar as condições ambientais do semi-árido e suas conseqüências, expõe:

Se o sertão não estivesse exposto à fatalidade climática das secas, talvez não figurasse entre as áreas de fome do continente americano. Infelizmente, as secas periódicas, desorganizando por completo a economia primária da região, extinguindo as fontes naturais de vida, crestando as pastagens, dizimando o gado e arrasando as lavouras, reduzem o sertão a uma paisagem desértica, com seus habitantes sempre desprovidos de reserva, morrendo a míngua de água e de alimentos. Morrendo de fome aguda ou escapando esfomeados aos magotes, para outras zonas, fugindo atemorizados à morte que os dizimaria de vez na terra devastada.

Essa fatalidade climática apontada por Josué de Castro caracteriza o sertão do ponto de vista hostil, e em *Vidas Secas* esta característica é o ponto máximo da narrativa, pois o próprio título do livro faz menção à *secura* presente em todos os espaços. Assim no sentido da obra, o termo *seca* é um adjetivo utilizado para diferentes significações: são secas as vidas dos personagens, as suas esperanças, seus sentimentos; é seca a paisagem, as plantas, o rio e a terra. Enfim, a seca se traduz como uma realidade que altera o espaço social e físico. Para Saraiva (2009), Graciliano demonstra preocupações com as secas que atravessam a região nordestina, quais sejam a climática e a política e, a partir de uma forte veia realista, faz um retrato da difícil situação do nordestino que é obrigado a conviver com tais situações. Portanto:

Elemento emblemático da atual Região Nordeste, a *seca* em Graciliano atinge limites poético-literários sem precedentes, “contaminando” todo o enredo: para além da linguagem, também ela seca e rústica, a condição climática influencia na corrosão das almas dos personagens, modulando e lapidando os seus espíritos. Assim, em *Vidas Secas*, toda a verve e genialidade literária do escritor se explicitam, compondo quadros ao mesmo tempo trágicos e belos. O resultado ou efeito é a consumação de uma prosa regionalista ímpar (JÚNIOR, 2012, p. 8).

Partindo desse discurso sobre o *Sertão* e a *Seca*, Graciliano Ramos provavelmente foi o escritor que melhor retratou essa realidade dentro da Literatura Brasileira. Além disso, mostrou que por trás da limitação hídrica do sertão nordestino, muitos problemas estavam ocultos e que a seca era apenas uma “desculpa” para esconder a situação de miséria na qual passava a população da região. Em *Vidas Secas* é apresentada toda essa realidade vivenciada pelo povo nordestino, numa época em que os escritores regionalistas faziam em suas obras uma denúncia social desse contexto histórico do Brasil. Para Albuquerque Jr (2011, p. 47, apud MATOS, 2012), esses autores relacionam relatos e narrativas históricas do fenômeno climático a uma trama ficcional e têm como intenção denunciar os problemas econômicos do Nordeste, o drama dos retirantes e a exploração do povo num sistema social injusto. A seca é o fator principal da obra, mas a partir dela se desencadeia uma série de outros problemas, entre eles as migrações e as relações de poder. Portanto, por meio da leitura de *Vidas Secas* é possível investigar além da paisagem natural, diferentes temas geográficos que a partir da nossa releitura, irão compor o cenário geográfico na Literatura.

3.3 Migrações

O processo de mudança do Homem sertanejo foi apresentado por Graciliano Ramos no primeiro e último capítulo de *Vidas Secas*, intitulados *Mudança* e *Fuga* respectivamente. Migração consiste no processo de mobilidade espacial da população, sendo um mecanismo de deslocamento que reflete mudanças nas relações entre os indivíduos em si e entre estes e seu meio ambiente físico (BECKER, 1997). De tal modo, além de implicar em mudanças de áreas, este processo transforma o espaço social influenciando diretamente na vida do indivíduo, provocando mudanças de caráter físico, social, cultural e principalmente econômico.

Nesses dois momentos do livro as histórias narradas se desenvolvem no intermédio de dois períodos de seca, onde o segundo capítulo torna-se a continuação do primeiro. Vale salientar que o escritor não apresenta datas cronológicas no livro e não se sabe ao certo em que mês e ano transcorrem os fatos narrados. Ao tratar o tempo de maneira imprecisa, o leitor pode entendê-lo psicologicamente a partir da leitura da obra, ou seja, diferenciá-lo a partir da descrição do momento de seca e de chuva. Esses capítulos mostram a migração constante dos retirantes do nordeste que sonham com melhores condições de vida, e apesar de tentarem se estabelecer em outros locais viam-se obrigados a migrar mais uma vez, pelas condições que lhes estavam sendo oferecidas.

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala. (RAMOS, 1995, p. 9).

Segundo Matos (2012), nos séculos XIX e XX, as correntes migratórias nordestinas acompanharam a demanda laboral do crescimento econômico do país. Esses migrantes passam a ser associados à imagética do retirante, onde se dá uma construção discursiva naturalizada e categorizada na história e na conceituação do Nordeste, tornando-se elemento constitutivo do “discurso da seca”. No fragmento acima vemos que Graciliano Ramos chama esses retirantes de “infelizes”, e de acordo com Buriti e Aguiar (2012) o escritor os denomina dessa forma não pelo clima ou natureza regional, mas pelos problemas sociais que os destituíram da posse da terra, da água, e dos bens naturais. Motivados pela esperança de sobreviver no sertão, Fabiano e sua família fogem dos castigos da seca que os assolam.

Os retirantes são obrigados a sair de casa sem rumo certo, partindo para uma longa jornada procurando uma terra produtiva. “Fugindo das pressões sociais intensificadas nos períodos de seca, os retirantes buscavam as cidades maiores do Sertão, que serviam como entrepostos comerciais, à procura de ajuda” (BURITI; AGUIAR, 2012, p. 12). O processo de migração no Nordeste brasileiro marcou uma época em que a seca afetava a maioria da população. O primeiro parágrafo da obra citado acima mostra a família escapando da primeira seca, onde tentam encontrar um lugar que lhes ofereça meios para viver melhor. Para os sertanejos os deslocamentos eram uma estratégia de sobrevivência que ocorriam de maneira freqüente.

Os percursos feitos por Fabiano e sua família em busca de terras desconhecidas eram marcados pela fé, a dor, a fome e o sofrimento. A seca não só atinge a paisagem como também molda a personalidade do Homem. Fabiano, um homem bruto, embora não pudesse ser tido como mau, em sua angústia, busca culpar alguém pela sua desgraça. Em determinado momento percebe que:

O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás [...]. O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário - e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde (p. 9-10).

Embora a frustração lhe tomasse, e a necessidade de culpar alguém pelos flagelos da vida fosse comum, o sentimento de compaixão com os que estavam na mesma situação mostrava um pouco da sua sensibilidade com o próximo. Araujo (2008, p. 9) fazendo uso das palavras de Antônio Cândido (1974, p. 10) a respeito de Graciliano, “ninguém melhor que ele estabelece e analisa os vínculos brutais entre homem e natureza no Nordeste árido”. E continua:

O drama de Vidas Secas é justamente esse entrosamento da dor humana na tortura da paisagem. Fabiano ainda não atingiu o estágio de civilização em que o homem se liberta mais ou menos dos elementos. Sofre em cheio o seu peso, sacudido entre a fome e a relativa fartura; a curva da sua existência segue docilmente os caprichos hidrográficos que lhe dão vida ou morte (Idem: 1974).

Ao migrarem sem rumo, os membros da família atravessaram inúmeras dificuldades no caminho, passando fome e sede. Esse fato não é resultado apenas da escassez de chuva,

mas também um lembrete para a falta de medidas por parte do poder público com relação à qualidade de vida dos nordestinos. A ação do poder público não é citada explicitamente pelo escritor e nem assinalada pelos personagens, no entanto, os fatores de causa e consequência entre a seca e a miséria são citados na passagem: “Um dia... sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito...” (p.24). As condições climáticas associadas às políticas públicas implantadas pelo governo diminuiriam o sofrimento do povo sertanejo. Graciliano aponta a fome e seca dos viajantes no seguinte fragmento:

A fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida [...]. Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito [...]. Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de u juazeiro com sede. Lembrou-se do preá morto. Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento, para não derramar água salobra [...] (p. 11-15).

Para Matos (2012), essa imagem de retirante será simbolicamente rica e acompanhará a identidade do nordestino até os dias atuais: “o retirante ao ser rotulado e valorado socialmente reage criando uma figura para si mesmo de *cabra-macho*, para fugir da humilhação de sua condição e subordinação”. O início e o final do livro retratam e simbolizam uma retirada. Fugindo novamente dos castigos da seca, Fabiano, Sinhá Vitória e os dois filhos ainda têm a esperança de mudarem de vida. A terra desconhecida tão almejada por eles continuaria sendo o motor impulsionador de suas esperanças. Com o parágrafo abaixo Graciliano Ramos, encerra a obra:

Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era [...]. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitoria e os dois meninos (p. 126).

Assim como afirmava Euclides da Cunha, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, o desejo em mudar de vida permeava no seio desta família de sertanejos que se julgavam fortes por sobreviverem a tanta desgraça e sofrimento. No sonho de chegar a “terra civilizada”, os

filhos freqüentariam as escolas e aprenderiam “coisas difíceis e necessárias”, saindo assim do anonimato social em que viviam. “A cidade grande estaria cheia de pessoas fortes” que assim como eles superariam as adversidades da vida e alcançariam finalmente a “vitória”.

Rosi e Menon (2008) afirmam que o contexto presente na obra é característico de muitos nordestinos, sendo comum a milhões de brasileiros que depois de muita procura por uma condição mais digna de vida no próprio sertão, tem que tomar rumo para outras áreas na tentativa de reverter essa condição. Para Pinheiro Neto (2012), por meio das ações e sentimentos do personagem ficcional, podemos perceber a relação existente entre o Homem e o Lugar em que vive. Essas relações na formação do espaço geográfico são partes integrantes do imbricar que o indivíduo ou grupo sentem do lugar em que estão ou estiveram. O sentimento de pertencimento ao lugar decorre da experiência que o indivíduo tem, com relação a este espaço de vivências. Estabelecendo vínculos, o Homem pode fazê-lo de morada, mas quando não se cria vínculos, como é o caso da família de retirantes, o lugar se configura como um espaço inerte, sem significado, podendo ser definido como o “não-lugar”.

3.4 Exploração latifundiária e relações de poder

O espaço descrito por Graciliano, em *Vidas Secas* caracteriza-se pelo completo atraso social. Trata-se de uma realidade retrógrada, antecedente ao processo de modernização capitalista, iniciada a partir da década de 1930 e que apresenta, a partir do latifúndio nordestino dominante, relações socioeconômicas marcadas pela brutalidade e condições desumanas. Os fazendeiros e donos de terra exploravam os homens sertanejos oferecendo-lhes condições de trabalho miseráveis, construindo a partir dos seus serviços, ou seja, com mão-de-obra barata, verdadeiras fortunas. O escritor buscou apresentar na obra, as desigualdades sociais enfrentadas pela sociedade da época, focando principalmente, na reação dos retirantes a essa condição que são submetidos.

De acordo com Dermachi (2006), o contexto histórico e social de *Vidas Secas* remete ao cenário político e cultural da tumultuada década de 1930 no Brasil. No campo político, esse momento foi marcado pela revolução que instaurou o governo anti-oligárquico de Getúlio Vargas, seguido pela ditadura do Estado Novo entre os anos de 1937 e 1945. Já com relação ao campo socioeconômico, configuravam-se as primeiras grandes indústrias no país, apresentando um crescente processo de urbanização.

Após migrarem sem destino, Fabiano, Sinhá Vitória, o Menino Mais Velho e o Mais Novo, além da cachorra Baleia, encontram uma fazenda abandonada que decidem ocupar temporariamente para fugir do sol escaldante que os atingem. A condição de desapropriados dos meios de produção é vivida intensamente pelos personagens como uma situação que não permite fixidez em parte alguma. Chegando a fazenda, Fabiano sonha com a possibilidade de criar vínculos com a terra (DERMACHI, 2006). Com a chegada das chuvas o proprietário da fazenda reaparece e tenta desfazer-se dos ocupantes. Fabiano não detinha a posse da terra e assim pede uma oportunidade ao dono para cuidar daquela fazenda, alegando ter habilidade no cultivo agrícola e cuidado com os animais. O fazendeiro então aceita Fabiano como empregado. Neste momento, ele toma consciência da sua condição transitória e entende que está destinado a viver e cultivar em terras alheias. Duarte (2001, apud MATOS, 2012, p. 9) afirma que para os sertanejos as possibilidades de trabalho são limitadas:

[...] em geral, firmam-se sistemas de articulação produtiva entre latifundiários e trabalhadores, sob a forma predominante de arrendamentos de terras ou de contrato de trabalho temporário. No arrendamento, o proprietário da terra requer parte significativa da produção, embora seja do arrendatário a responsabilidade de providenciar todos os meios necessários para desenvolver as atividades agropecuárias; no trabalho temporário, os salários são baixos e há total submissão ao empregador.

Numa época marcada pelos contrastes sociais, Fabiano e sua família se submetiam as ordens do patrão “branco” considerado autoridade em meio à sociedade. O patrão era autoritário, Fabiano se sentia um homem impotente, sujeito a uma vida de obediência aos outros: “Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia [...]. Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente, ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru” (p. 24). No capítulo *Contas*, Graciliano descreve o sistema latifundiário da época: “Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça parte dos cabritos. Mas como não tinha roça [...] comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito” (p. 92). Neste fragmento, Graciliano explica o motivo pelo qual o vaqueiro tinha dívidas constantes com o patrão, pois o fato de não possuir um pedaço de terra próprio e depender da vontade do mesmo, Fabiano sempre recebia uma pequena parte no final das contas. A exploração latifundiária contribuiu muito para a expansão da miséria na vida do Homem do campo.

Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha a fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, o Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? (p. 22-23).

A obra apresenta também, outros exemplos de opressão e autoridade, podendo ser observado no capítulo *Cadeia*, a partir da figura do Soldado Amarelo que prende Fabiano injustamente, sem causas aparentes. No capítulo *Contas* essa condição é representada na figura do cobrador de impostos da prefeitura, que tentou adquirir taxas em cima da venda de um porco que Fabiano pretendia fazer, anos atrás. Para Reginaldo Mendes (2014, p. 4), “a permanência da escravidão na estrutura agrária brasileira – esse traço reacionário, e mal dissimulado, revela-se indiretamente nas astúcias do dono da fazenda, na gratuita violência do soldado amarelo e no abuso do fiscal da prefeitura”. Nestes casos a superioridade do poder não partia apenas do latifúndio, mas sim da própria política do Estado. Na obra o “Soldado Amarelo” utilizava-se da autoridade policial para humilhar Fabiano. Sendo um homem ignorante e que não sabia se defender de acordo com a lei, Fabiano é subjugado pelo soldado. No fragmento a seguir, vemos a descrição da prisão de Fabiano:

Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reíúna em cima da alpercata do vaqueiro. - Isso não se faz moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente. O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá. - Toca pra frente, berrou o cabo. Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu (p. 29).

A representação do Estado pela figura do Cobrador de Impostos da Prefeitura foi descrita a partir da recordação de um fato ocorrido na vida de Fabiano:

Num dia de apuro recorrera a um porco magro [...], matara-o e antes de tempo e fora vendê-lo na cidade. Mas o cobrador da prefeitura chegara com o recibo e o atrapalhara-o. Fabiano fingira-se desentendido: não compreendia nada, era bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto (p. 94).

Novamente o personagem sente-se oprimido e vítima de uma situação na qual não poderia mudar, afinal, como um simples vaqueiro não se achava no direito de reivindicar, “se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura” (p. 95). Os processos migratórios, o trabalho degradante e a miséria, participam do estatuto da nordestinidade, que somados ao fenômeno da estiagem, configuram a seca. Entretanto, não é apenas a seca que gera a penúria nordestina, é a miséria que transforma a estiagem em seca (MATOS, 2012). A miséria transforma o fenômeno natural da seca num fator social, constituindo-se pela concentração da terra e do poder político nas mãos de uma minoria da população.

As questões sociais do espaço sertanejo configuram também a paisagem na perspectiva de Graciliano Ramos. Almeida (2003, apud TEIXEIRA; ERTZOGUE, 2013), em seu trabalho sobre as representações da paisagem nas narrativas que tratam do sertão, nos fala da importância do espaço enquanto lugar onde homens e mulheres, ideologicamente diferentes ou não, constroem e firmam suas representações, suas práticas e seus interesses sociais. A paisagem geográfica é representada na Literatura por meio da construção da paisagem literária no imaginário do escritor. No livro *Vidas Secas* a paisagem constrói, juntamente com o drama social dos personagens, o espaço representativo na narrativa.

3.5 A paisagem em *Vidas Secas* e o Homem

Em *Vidas Secas*, o autor descreve a paisagem de maneira detalhada, mas o enfoque principal é mostrar como as condições do meio natural são interiorizadas pelo Homem. Deste modo, a paisagem é de fundamental importância na obra literária, porque o sertão é o espaço dos personagens, pois suas vidas se organizam em função das condições climáticas e da imposição de uma sociedade arbitrária. De acordo com Sá (2007), a paisagem na obra é descrita pela visão que os personagens têm do sertão, por meio das suas reações e sensações, sendo, portanto, através delas que a paisagem sertaneja nos é apresentada. *Vidas Secas* é uma obra prioritariamente literária, cujo tema principal é o drama humano e apresenta como pano de fundo/cenário, o sertão nordestino, que é o “personagem” carrasco e ao mesmo tempo

elemento definidor da interioridade humana. Esta obra tem nessa paisagem, um exemplo do que entendemos como aplicação da paisagem literária pela Geografia.

No livro o autor apresenta o contorno visível do espaço¹⁹ (paisagem) e como suas funções definem o modo de existência do Homem no sertão. A paisagem de Graciliano Ramos representa o Homem e retrata a dureza da vida, além de traduzir toda a personalidade do autor com relação ao espaço sertanejo. Para Candido e Castelo (1968, apud ROSSI; MENON, 2008), *Vidas Secas* compõe-se de aspectos da paisagem do Nordeste e o autor figurou admiravelmente a condição sub-humana do sertanejo, que reagia de forma grosseira aos flagelos da vida devido as condições de sofrimento em que vivia, hora representadas pelas relações com a própria sociedade, hora determinado pelas relações do Homem com a paisagem.

A caatinga serviu como cenário para a consolidação da obra e a descrição desse bioma exclusivamente brasileiro, se passa no decorrer da narrativa inteira. “A caatinga estendia-se, de um vermelho salpicado de manchas brancas que eram ossadas” (p. 9). Quanto aos aspectos fitofísicos é um tipo de vegetação característica do Nordeste brasileiro que possui grande biodiversidade, seja com relação à fisionomia ou a composição florística, apresentando desde plantas de pequeno porte, como arbustos, até espécies do tipo arbóreas. As espécies mais predominantes desse bioma caracterizam-se por espécies xerófilas lenhosas que perdem as folhas na estação seca, estando dispersas sobre um solo em geral raso e pedregoso. O bioma caatinga representa cerca de 10% do território brasileiro, localizando-se na Região Nordeste (estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí) e norte de Minas Gerais na Região Sudeste. Faz contato com dois outros biomas brasileiros: Cerrado e Mata Atlântica.

¹⁹Milton Santos define a paisagem como a representação do aspecto visível, as formas do espaço, provenientes do meio natural ou da intervenção humana que o modificam-no. Para ele o contexto social da paisagem se sobressai ao meio natural, pois as formas realizam no espaço as funções sociais.



Figura 9: Mapa de localização do Bioma Caatinga
Fonte: www.ibge.gov.br

Além das espécies lenhosas caducifólias, desse bioma, a vegetação xerófila é representada com destaque também pelas cactáceas. São plantas geralmente espinhosas, capazes de armazenar água em seus tecidos, cuja epiderme é coberta por uma cutícula composta de cera e cutina responsáveis pela proteção e fotossíntese, visto serem desprovidas de folhas. Estes mecanismos adaptativos permitem sobreviver aos longos períodos de estiagem típicas das condições de semiaridez. Como exemplo da família *cactaceae*, podemos citar o xique-xique (*Pilosocereus Gounellei*) e o mandacaru (*Cereus Jamacaru*), plantas típicas do sertão nordestino.



Figura 10: Xique-xique (*Pilosocereus Gounellei*)
Fonte: <http://blogtocandira.com.br>



Figura 11: Mandacaru (*Cereus Jamacaru*)
Fonte: <http://blogtocandira.com.br>

Em meio à estação chuvosa a caatinga suaviza seu aspecto rústico, desenvolvendo um aspecto vivaz, com a recomposição da cobertura verdejante e florida. Nas condições climáticas favoráveis a região nordestina muda visualmente a configuração da paisagem, pois os solos hidratados tornam-se aptos para a prática agrícola ao receber aporte de água dos reservatórios mais próximos como rios e açudes. A vegetação recomposta serve como fonte alimentar para a fauna e animais domésticos como o gado, que constitui um dos principais produtos econômicos pecuários.



Figura 12: Caatinga – transição entre o período seco e chuvoso

Fonte: www.accatina.org.br

Essa transformação paisagística resulta também na esperança do Homem sertanejo. Os períodos de seca ou de chuvas constituem-se presenças marcantes na vida desses sujeitos, apresentando uma conotação que revelam o próprio estado de espírito dos mesmos, seja no sentido de tristeza pela secura do sertão, ou na felicidade pela chegada da água que representa a esperança de dias melhores:

Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, Sinhá Vitoria vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde (p. 15).

Graciliano Ramos descreveu um ambiente altamente seco, podendo ser observado em passagens da obra como, por exemplo, quando o mesmo fala da “areia do rio seco” ou da “folhagem dos juazeiros que apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala” (p. 9). Noutro parágrafo o autor acrescenta a descrição de um rio seco quando diz: “tinham

deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés” (p. 10). Por meio desta descrição podemos compreender, que os personagens caminham pelo curso de um rio intermitente e, naquele momento, pela sua condição estava seco, devido à falta de chuvas na região. Segundo Buriti (2010, p. 106, apud AB “SÁBER, 2003, p. 87):

Os rios do Nordeste se caracterizam como intermitentes periódicos, ou seja, ao contrário do que acontece nas áreas úmidas do Brasil onde os rios sobrevivem aos períodos de estiagens, devido à grande quantidade de água economizada nos lençóis superficiais, no Semiárido eles secam desde suas cabeceiras até perto da costa. Apesar disso, uma das originalidades do sistema hidrográfico e hidrológico do Semiárido é que em algum tempo do ano costumam atingir o mar.

Embora não haja referência do rio descrito na obra, acreditamos que por meio da sua descrição na narrativa, trata-se de um curso hídrico intermitente característico da paisagem sertaneja. A representação do rio seco reflete no imaginário simbólico dos personagens. A água que antes fluía pelo rio, representava a fartura, a espera de dias melhores, e sua ausência é elemento emblemático que simboliza a escassez. De fato, existe uma íntima ligação entre a vida e a existência de água. A ciclicidade da sua disponibilidade rege o ritmo da vida na região, moldando um cenário e o modo de viver de um povo.



Figura 13: Sertanejo sobre o leito de um rio seco
Fonte: www.odia.ig.com.br

Sobre a questão da falta de água na região Nordeste, Josué de Castro (1984, p. 177) faz o seguinte apontamento: “toda paisagem natural, desde a topografia, as características do solo, a fisionomia vegetal, a fauna, a economia e a vida social da região, tudo traz marcado,

com uma nitidez inconfundível, a influência da falta d'água, da inconstância da água nesta região semidesértica". Para ele a água é um elemento que influencia diretamente na modificação da paisagem natural e social, pois a realidade nordestina é refletida por meio das condições climáticas dessa região.

Todo esse processo de configuração do espaço sertanejo altera também a paisagem no decorrer dos anos. Observa-se em *Vidas Secas* que há uma necessidade do autor demonstrar por palavras aquele ambiente mórbido do sertão nordestino, estabelecendo uma conexão entre o Homem e a Natureza. Entretanto, devemos ressaltar que apesar da seca afetar intensamente o sertão nordestino, ela não é um fenômeno constante. O sertão não é dominado pela total aridez, embora a estiagem seja frequente. Em determinadas épocas do ano ocorrem chuvas, com menores ou maiores proporções que por um curto período de tempo conseguem remodelar a paisagem.

Tanto como as secas moldam a paisagens sertanejas, o excesso de chuvas também as modificam. No capítulo *Inverno* é apresentada a chegada da chuva que causa inundações: "Por enquanto a inundação crescia, matava bichos, ocupava grotas e várzeas [...]. A chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos. A água tinha subido [...], Sinhá Vitória andava amedrontada. Seria possível que a água topasse os juazeiros?" (p. 65). A paisagem novamente sofreria um processo de transformação, pois onde antes havia solos rachados e vegetações secas, agora passaria a ser coberta por água. Isso acontece pela ocorrência de chuvas concentradas em determinados locais, sendo outra característica do semi-árido nordestino. Apesar dos contrastes trazidos pelo excesso de chuvas, Fabiano Sinhá Vitória, os Meninos e Baleia viviam momentos de glória, pois não havia perigo de uma seca imediata que tanto amedrontava os sertanejos.

Através das expressões literárias, temos um abrangente universo de representações e simbologias do espaço, que relacionado com a realidade dinâmica, nos permite analisar com êxito as diferentes paisagens geográficas. A paisagem é primordial no contexto de *Vidas Secas*, e a relação do Homem com este meio, torna a narrativa ainda mais próxima da realidade. A obra nos oferece uma dimensão de possibilidades de análises, sejam voltadas para o contexto social ou natural constituindo um exemplo da aplicação da paisagem literária no contexto geográfico. Buscamos assim, fazer uma reflexão acerca das suas características geográficas, objetivando encontrar caminhos e elementos que nos permitissem a compreensão das possíveis relações entre a Ciência e a Arte representadas em nosso estudo através da Literatura e as Ciências Geográficas, servindo como uma complementação de saberes.

3.6 *Vidas Secas* em imagens

Para celebrar os 70 anos do romance *Vidas Secas* em 2008, a obra ganhou uma edição comemorativa. O texto integral do livro vem acompanhado por imagens do foto-jornalista Evandro Teixeira, que durante dias percorreu o sertão de Alagoas e Pernambuco, buscando trilhar os caminhos de Graciliano Ramos e registrar em fotografias, os lugares que inspiraram o escritor a criar os personagens da obra. Logo a seguir destacamos algumas fotos²⁰ deste ensaio.



²⁰Fonte das imagens: www.g1.globo.com



A seca é um fator climático, mas ao mesmo tempo é um fator social, pois representa o estado de espírito de um povo, que vive submetido às oscilações e caprichos da natureza. Se for seco o rio, é “seco” também o Homem, em todo o seu sofrimento, diante de condições de extrema miséria. O chão trincado pela falta de água nos lembra as rugas no semblante do sertanejo, reflexo de um sol escaldante.



Há um dualismo explícito entre o Homem e a Natureza, que se entrelaçam em um movimento de constantes transformações. A falta de condições favoráveis para a sobrevivência desperta, em algum momento, o sentimento de impotência no Homem, mas ao mesmo tempo o faz tomar consciência da sua bravura, por viver num ambiente onde ele tem que lutar constantemente por melhores condições de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente este não é o primeiro estudo sobre a aproximação da Geografia com a Literatura. Entretanto, acreditamos ter contribuído no debate que busca relacionar a Ciência e Arte, por meio de diferentes possibilidades. A Literatura como fonte de investigação geográfica, permite tratar de áreas do conhecimento, epistemologias e metodologias distintas, proporcionando difundir saberes para além das questões científicas. Assim, este trabalho caracteriza-se por não se restringir apenas a objetividade da Ciência Geográfica na explicação dos fenômenos sócio-naturais do espaço, e sim, constituir um exemplo do diálogo possível com o discurso subjetivo da Literatura a fim de colaborar para a expansão dos estudos voltados para essa área.

Baseando-se na fundamentação teórica deste possível diálogo, identificamos relações entre as linhas de pensamento da Geografia Humanista, consolidadora dos estudos integrados da Ciência com a Arte, e a Literatura Regionalista como representante da aplicação da Geografia na expressão literária brasileira. Realizamos análises a partir da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. As questões sociais, a paisagem e a condição humana, são aspectos geográficos encontrados nessas obras, que retratam a dinâmica na construção do espaço literário, caracterizando a Literatura Regional. A partir desses elementos, buscamos estabelecer relações coerentes com a sistematização da Ciência Geográfica.

Utilizamos dessas obras como objeto de análise para as nossas discussões, por entender que as mesmas muito têm a contribuir para a possível relação da Geografia com a Literatura. Identificamos nas obras, temas geográficos como: migração, exploração social, relação Homem e Natureza, dinâmica espaço-tempo, características do meio físico (clima, vegetação, solo, entre outros), além de descrição de paisagens. Esses elementos permitem ser relacionados aos conteúdos próprios da Geografia, reconhecidos em seus conceitos e bases teóricas dos quais se destacam o espaço, a paisagem, a região e o lugar.

Graciliano Ramos ao descrever e associar as características ambientais à personalidade de cada personagem torna *Vidas Secas* um exemplo da utilização da paisagem geográfica como uma alegoria do imaginário sertanejo, além de compor um personagem e não apenas um cenário onde a trama se descortina. Os personagens retratados são submetidos às dinâmicas próprias das relações humanas e estas também, representam as dinâmicas próprias da natureza. O meio ambiente hostil oprime, na mesma medida em que a organização social

agrava as consequências sobre o indivíduo, acarretando na falta de opções e seu embrutecimento. Assim, é possível reconhecer a riqueza literária na aplicação da paisagem para além do que é estabelecido pelo conceito científico.

Convergingo áreas de conhecimento distintas, objetivamos proporcionar novas leituras acerca dos fenômenos espaciais para uma explicação da realidade. Para ser coerente com esta premissa, houve a necessidade de um relativo afastamento do objeto principal. Entretanto, contamos com o apoio de outros elementos, como a música e o cinema, para uma melhor fluidez das nossas idéias. A Música e a Literatura são formas de expressões artísticas que podem representar um dado momento da sociedade. As obras literárias regionalistas apresentam características geográficas, também identificadas nas canções populares. Ambas contribuem na construção da definição do imaginário da Região Nordeste (espaço representativo das obras citadas) no contexto nacional.

Finalizamos o presente trabalho enfatizando que estudar Geografia não é apenas entender os fenômenos espaciais mediante as definições da Ciência, mas sim, analisá-lo sob óticas diferenciadas de sua base teórica, na qual os textos literários representam um rico material a ser interpretado, expandindo as várias representações do espaço. A Literatura constitui-se, portanto, como um referencial para a consolidação das análises concebidas nesta conjunção e a obras de Graciliano Ramos e Euclides da Cunha, colaboram expressivamente na edificação dos trabalhos desenvolvidos em torno da aproximação do discurso geográfico com o literário.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Joice Aparecida A. **Concepções de Espaço Geográfico e Território**. Sociedade e Território, Natal, v. 22, nº1, 2010. p. 46-64 . Disponível em:< www.cchla.ufrn.br>. Acesso em: nov. 2013.

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria literária**. 13ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ANDRADE, Matheus. **Era uma vez dois sertões: A representação do Sertão nordestino nos filmes Vidas Secas, de Nelson Pereira dos Santos, e Baile Perfumado, de Paulo Caldas e Lírio Ferreira**. Revista Eletrônica Temática, 2008. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br/2008/04.pdf>>. Acesso em: nov. 2013

ANJOS, Melissa. **Geografia e literatura – um exercício de reflexão**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <www.agb.org.br>. Acesso em: out. 2013

ANTONELLO, Ideni Terezinha. **O olhar geográfico na interioridade do olhar sensível da obra literária**. Londrina, 2005. Disponível em: <<http://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/ideni.pdf>>. Acesso em: out. 2013.

ARAUJO, Susana Elaine F. **O corpo manifesto por Graciliano Ramos: uma leitura de Vidas secas e São Bernardo**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/AraujoSEF.pdf>>. Acesso em: nov. 2013

BARCELLOS, Frederico Rosa. **Espaço, lugar e literatura- O olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro**. ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, n. 25, 2009. p. 41-52. Disponível em: <www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3562/2482>. Acesso em: nov. 2013

BASTOS, Ana Regina Vasconcelos R. **Espaço e Literatura: Algumas reflexões teóricas**. 1993. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6316>>. Acesso em: ago. 2013

BRAGA, Rhalf Magalhães. **O espaço geográfico: um esforço de definição**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 22, 2007. p. 65 - 72. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp22/Artigo_Rhalf.pdf>. Acesso em: out. 2013

BRANDÃO, Gilda Vilela. **Paisagem, história e construção literária**. LEITURA MACEIÓ, n.49, 2012. p. 171-193. Disponível em: <www.seer.ufal.br>. Acesso em: set. 2013

BURITI, Catarina de O. AGUIAR, José Otávio. **Secas, migrações e representações do semi-árido na Literatura Regional: Por uma história ambiental dos sertões do Nordeste brasileiro**. (Artigo), 2012. Disponível em: <<http://revista.ufrb.br/index.php/textosedebates/article/viewFile/747/645>>. Acesso em: set. 2013

CAMPOS, José Nilson B. STUDART, Ticiania Marinho de. **Secas no Nordeste do Brasil: origens, causas e soluções**. 2001. Disponível em: <http://www.deha.ufc.br/ticiania/Arquivos/Publicacoes/Congressos/2001/Secas_no_Nordeste_do_Brasil_08_de_junho_def.pdf> Acesso em: jul. 2013

CASTRO, Josué. **Geografia da fome- O dilema brasileiro: pão ou aço**. Antares, 10ª ed. 1984.

CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo Cesar C. CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares geográficos: modo e ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CLAVAL, Paul. **A Nova Geografia**. Editora: Almedina, 1987.

CORRÊA, Dinacy Mendonça. FEITOSA, Conceição. FILHO, José de Ribamar M. **LUIZ GONZAGA: ainda lembrando o centenário do Rei do Baião**. Revista Garrafa 2, set-dez, 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa28/dinacymendonca_luizgonzaga.pdf> Acesso em: maio. 2014

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da Geografia**. In: **Geografia: Conceitos e Temas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. **Geografia: conceitos e paradigmas – apontamentos preliminares**. Rev. GEOMAE, Campo Mourão, PR v.1n.2 p.25 - 56 2ºSem 2010 ISSN 2178-3306. Disponível em: <http://www.nemo.uem.br/artigos/geografia_conceitos_e_paradigmas_fabio_costa_marcio_rocha.pdf>. Acesso em: jan. 2014

COUTINHO, Afrânio. **O regionalismo na prosa e ficção**. In: **Introdução a Literatura no Brasil**. 19ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

DEMARCHI, André Luis Campanha. **HOMENS LIVRES, VIDAS SECAS: violência e latifúndio num romance de Graciliano Ramos**. 2006. Disponível em: <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/38>>. Acesso em: abr. 2014

DIAS, Jailson. Capítulo II: Fundamentação teórica. 1998. Disponível em: <<http://jailton.tripod.com/capitulo2.html>>. Acesso em: nov. 2013

FARIAS, Francisca Diana P. **O complexo geográfico em Os Sertões de Euclides da Cunha**. Natal, 2011. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/1/9856/1/FranciscaDPF_DISSERT.pdf> Acesso em: dez. 2013

FEITOSA, Márcia Manir M. MORAES, Cláudia Letícia G. COSTA, Janete de Jesus S. **O entrelaçamento de fios entre a Geografia e a Literatura: a construção de um saber múltiplo**. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/222/170>>. Acesso em: nov. 2013

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Espaço geográfico e Território: Conceitos-chave para a Geografia. Atlas da questão agrária brasileira**. 2009. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/espaco_territorio.htm#espaco_territorio>. Acesso em: jan. 2014

GRECO, Riccardo. **O sertanejo no sertão-mundo**. Baleia na Rede Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura. Vol. 1, nº 6, Ano VI, dez/2009. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/6a_o_sertanejo_no_sertao_mundo.pdf>. Acesso em: fev. 2014

GUERRA, Ialuska. LOIOLA, Maria Engracia. MONTEIRO, José Vieira. **A geofricidade do Nordeste nas músicas de Luiz Gonzaga**. IV Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte e Nordeste de Educação Tecnológica. Belém- PA, 2009. Disponível em: <http://connepi2009.ifpa.edu.br/connepi-anais/artigos/193_3917_1301.pdf>. Acesso em: maio. 2014

HAI DUKE, Alessandro Andrade. **Chão partido: Conceitos de espaço nos romances O quinze de Raquel de Queiroz e A bagaceira de José Américo de Almeida**. Curitiba, 2008. Disponível: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguagemPortuguesa/dissertacoes/disset_quinze_raquel.pdf>. Acesso em: ago. 2013

HILLAS, Sylvio Costa. **Geografia e Literatura: um diálogo interdisciplinar Prosaico e Poético.** 2009. Disponível em: <http://www.socbrasileiradegeografia.com.br/revista_sbg/Artigos_arquivos/GeografiaeLiteratura_UmDialogoInterdisciplinarProsa.pdf>. Acesso em: out. 2013

JÚNIOR, Artur Monteiro L. **As Imagens do Sertão na Literatura Nacional: O projeto da modernização na formação territorial brasileira a partir dos Romances Regionalistas da Geração de 1930.** Terra Brasilis (Nova Série), 2012. Disponível em: <www.terrabrasilis.revues.org>. Acesso em: jun. 2013.

KATUTA, Ângela Massumi. **Representação do espaço vivido, percebido, imaginário e concebido.** 2001. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/bolgeogr/article/view/>>. Acesso em: maio. 2013

LIMA, Solange Terezinha. **Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem,** 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/14190/13014>>. Acesso em: abril. 2013

LIMA, Angelita Pereira de. CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Livros nas prateleiras, verbos no chão: Aproximações entre geografia, literatura e existência.** Revista de Geografia (UFPE) V. 28, nº. 3, 2011. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/viewArticle/425>>. Acesso em: 12 set. 2013

LIMA, Luiz Costa. *Terra Ignota - a construção de Os sertões.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MACIEL, Ana Beatriz C. MARINHO, Fábio Daniel P. **Análise do conceito de paisagem na ciência geografia: reflexões para os professores do ensino básico.** REVISTA GEONORTE, Edição Especial, V. 1, N.4, 2012. p.13 – 22. Disponível em: <http://www.revistageonorte.ufam.edu.br/attachments/009_AN%C3%81LISE%20DO%20CONCEITO%20DE%20PAISAGEM%20NA%20CI%C3%81NCIA%20GEOGRAFIA%20REFLEX%C3%95ES%20PARA%20OS%20PROFESSORES%20DO%20ENSINO%20B%C3%81SICO.pdf>. Acesso em: jul. 2013

MATOS, Marcos Paulo Santa R. **Famílias desagregadas sobre a terra ressequida: indústria da seca e deslocamentos familiares no Nordeste do Brasil.** Nômadias. Revista Crítica de Ciências Sociais y Jurídicas | Nº. Especial: América Latina (2012). Disponível: <<http://pendientedemigracion.ucm.es/info/nomadas/americalatina2012/marcospaulosantarosa.pdf>>. Acesso em: jan. 2014

MANDAROLA, Janaina A. M. Silva. **O geógrafo e o romance: Aproximações com a cidade**. Rio Claro, v. 31, n. 1, 2006. p. 61-81. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/GEOGRAFIA/Artigos/geografia_romance.pdf>. Acesso em: set. 2013

MANDAROLA JR. Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena B. **Do sonho a memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil**. LONDRINA – v. 12 – n. 2 – jul./dez, 2003. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>>. Acesso em: abr. 2014

_____. **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010. p. 7-15. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/18771>>. Acesso em: abr. 2014

MELO, Aline de Souza. **A entrada da Geografia Humanista na ciência geográfica**. São Paulo (ANO). Disponível em: <<http://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/aline-de-souza-melo.pdf>>. Acesso em: dez. 2013

MENEZES, Paulo. ***O cinema documental como representificação – verdades e mentiras nas relações (im)possíveis entre representação, documentário, filme etnográfico, filme sociológico e conhecimento***; in: NOVAES, S. C. (et al.). **Escrituras da Imagem**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15987.pdf>>. Acesso em: maio 2014

MIYAZAKI, Vitor Koiti. **Categorias e dimensões de análise na geografia: As articulações e as inter-relações**. Revista Formação, n.15 volume 1, 2008 – p. 193-196. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/750/767>>. Acesso em: set. 2013

MONTEIRO, C. A de F. **O mapa e a trama: Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MOREIRA, R. **Ser-Tões: O universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa (um ensaio sobre a geograficidade do espaço brasileiro)**. Ciência Geográfica, Bauru, n.3, Setembro-Dezembro, 2004.

NETO, José Elias P. **Geografia e Literatura: a paisagem geográfica e ficcional em Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto**. Boletim Campineiro de Geografia. v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletimcampineiro/article/viewFile/61/2012v2n2-PinheiroNeto>>. Acesso em: dez. 2013

OLANDA, Diva Aparecida M. ALMEIDA, Maria Geralda de. **A geografia e a literatura: uma reflexão.** Geosul: Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/index>>. Acesso em: 12 set. 2013

ORTEGA, Any Marise. PELOGGIA, Alex Ubiratan G. SANTOS, Fábio Cardoso. **A Literatura no caminho da História e da Geografia: práticas integradas com a língua portuguesa.** São Paulo: Cortez, 2009.

PINHEIRO, Robinson Santos. **O espaço literário: apontamentos para o diálogo entre geografia e literatura.** Revista Geografares nº 14, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/4123>>. Acesso em: 11 set. 2013

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** Rio, São Paulo, Record: 70ª Ed, 1995.

RAMOS, Reginaldo Mendes. **Alegoria e objetivação na tessitura verbal de “Vidas Secas”.** 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/iisinefil/textos_completos/alegoria%20e_objetiva%C3%A7%C3%A3o_na_tessitura_verbal_de_Vidas%20Secas_REGINALDO.pdf>. Acesso em: maio 2014.

ROCHA, Samir Alexandre. **Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo.** R. RA'E GA, Curitiba, n. 13, 2007. p. 19-27. Editora UFPR. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/raega/article/view/7670>>. Acesso em: jan. 2014

ROSSI, Jaqueline. MENON, Maurício. **A transposição da obra Vidas Secas de Graciliano Ramos para o cinema.** UNICENTRO- Revista Eletrônica *Lato Sensu*, 2008. Disponível em: <www.portalentretextos.com.br>. Acesso em: abr. 2014

SÁ, Francisco Edilson de O. MENZL, Guilherme. **As possibilidades entre Geografia e Literatura: conteúdos geográficos em Morte e Vida Severina.** São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.pluridoc.com/Site/FrontOffice/default.aspx?module=Files/FileDescription&ID=5886&state=FVC>> Acesso em: fev. 2014

SÁ, Piedade de. **O espaço como elemento estruturador do romance e do filme Vidas Secas.** Graphos. João Pessoa, v. 9, nº 1, Jan./Jul./2007 – ISSN 1516-1536. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/4713/3577>>. Acesso em: abr. 2014

SANTOS, Celina Deal. **A poetização dos espaços nos sertões de Euclides e Rosa.** São Paulo, 2006. (Dissertação de mestrado). Disponível em:

<http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3926>. Acesso em: dez. 2013

SANTOS, Clélio. **Geografia e Fenomenologia: Algumas aproximações a partir da Geografia Humanista e da Geografia das Representações**. Revista Diálogos nº 5 – Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade – UPE/Faceget- Garanhuns/ PE, 2011. Disponível em: <http://www.orfeuspam.com.br/periodicos_jl/dialogos/dialogos_5/clelio_santos.pdf>. Acesso em: nov. 2013

SANTOS, Edinardo. MATOS, Helaine. ALVARENGA. Jackeline. **A seca no nordeste no ano de 2012: relato sobre a estiagem na Região e o exemplo de prática de convivência com o semi-árido no distrito de Iguaçu/Canindé-Ce**. Revista Geonorte, Edição Especial 2, V.1, nº 5, p.819 – 830, 2012. Disponível em: <<http://www.revistageonorte.ufam.edu.br/attachments/013>>. Acesso em: fev. 2014

SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. **O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em: <<http://revista.ufr.br/index.php/actageo/article/download/556/586>> Acesso em: out. 2013

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: HUCITEC, Ed. Da universidade de São Paulo, 1978.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Robson dos. **Sociedade e Literatura no romance *Angústia* de Graciliano Ramos**. Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 4, n. 3, 2004. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/105/106>>. Acesso em: fev. 2014

SAQUET, Marcos Aurelio. SILVA, Sueli Santos da. **MILTON SANTOS: Concepções de geografia, espaço e território**. ISSN 1981-9021 - Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008. P. 24-42 Disponível em: <www.geouerj.uerj.br/ojs>. Acesso em: nov. 2013

SARAIVA Eneile Santos. **O regionalismo e suas faces: uma análise de *Vidas Secas* e *Dois Irmãos***. Revista Urutágua – acadêmica multidisciplinar. DCS/UEM, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/7286>>. Acesso em: set. 2013

SCHÄFER, Fábio Maurício. **Imagens e identidades em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Guerra de Canudos*, de Sérgio Rezende**. 2001. Disponível em:

<<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24448/D%20SCHAFER,%20FABIO%20MAURICIO.pdf?sequence=1>>. Acesso em: fev. 2014

SEEMANN, Jörn. **Geografia, geofricidade e a poética o espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do cariri (Ceará)**. Ateliê geográfico. Goiânia, 2007. p. 50-73. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/viewFile/2714/3066>>. Acesso em: dez. 2013

SENA, Custódia Selma. **A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica**. Sociedade e Cultura, 1998. p. 19-28. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1776>>. Acesso em: set. 2013

SUZUKI, Júlio Cesar. **Geografia e Literatura: uma leitura da cidade na obra poética de Paulo Leminski**. Disponível em: <<http://anpege.org.br/revista/ojs-2.2.2/index.php/anpege08/article/view/87>>. Acesso em: nov. 2013

TEIXEIRA, Ana Lúcia **O Cortiço e a Organização Espacial do Rio de Janeiro nas Últimas Décadas do Século XIX**. In: Anais do Primeiro Congresso de Historia do Pensamento Geográfico. Universidade Federal de Uberlândia, 28 a 30 de Abril de 2008. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/geoanalu/o-cortio-e-as-transformaes-na-cidade-dor-ro-de-janeiro>> Acesso em: out. 2013.

TEIXEIRA, Daiany Ribeiro. ERTZOGUE, Marina Haizenreder. **Literatura, história e geografia: possibilidades para a abordagem interdisciplinar a partir dos romances *Serra dos Pilões – Jagunços e Tropeiros*, de Moura Lima, e *O Tronco*, de Bernardo Élis**. (2013). Disponível em: <<http://revista.uft.edu.br/index.php/interface/article/viewFile/480/301>>. Acesso em: set. 2013.

_____. **Representações literárias do sertanejo em “O Tronco”, de Bernardo Élis, e em “Serra dos Pilões - jagunços e tropeiros”, de Moura Lima**. Revista Mosaico, v. 5, n. 1, p. 81-87, jan./jul. 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
VICENTINI, Albertina. **O Sertão e a Literatura**. Sociedade e Cultura, 1998. p. 41-54. Disponível em :< <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/1778/2139>>. Acesso em: jul. 2013

VICENTINI, Albertina. **O Sertão e a Literatura**. Sociedade e Cultura, 1998. p. 41-54. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/1778/2139>. Acesso em: 13 jul. 2013

_____. **Regionalismo literário e sentidos do sertão.** Sociedade e Cultura, 2007. p. 187-196. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/3140>>. Acesso em: jul. 2013

WARREN, Austin. WELLEK, René. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários.** Martins Fontes, São Paulo. 2003. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/cje/anexos/depaula/wellek&warren.pdf>>. Acesso em: maio. 2013

YÁZIGI, Eduardo. **Ampliando o conceito de Lugar.** In: **A alma do Lugar – Turismo, planejamento e cotidiano.** Ed. Contexto, 2002, p. 29-49. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/lourdes/ampliandoconceito.html>>. Acesso em: out. 2013